

Eliana Dias
Elisete Maria de Carvalho Mesquita
Organizadoras

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

PROPOSTAS PARA O ENSINO DOS GÊNEROS



Sequências didáticas: propostas para o ensino dos gêneros

REITOR

Valder Steffen Jr.

VICE-REITOR

Orlando César Mantese

DIRETOR DA EDUFU

Guilherme Fromm

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Eugênio Pereira

Décio Gatti Júnior

Emerson Luiz Gelamo

Fábio Figueiredo Camargo

Hamilton Kikuti

Marcos Seizo Kishi

Narciso Laranjeira Telles da Silva

Reginaldo dos Santos Pedroso

Sônia Maria dos Santos

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Editora de publicações

Assistente editorial

Revisão

Revisão ABNT

Projeto gráfico

Diagramação

Capa

Maria Amália Rocha

Leonardo Marcondes Alves

Lúcia Helena Coimbra do Amaral

Giselle Abreu de Oliveira

Ivan da Silva Lima

Carlos Augusto Machado

Ivan da Silva Lima

Eliana Dias
Elisete Maria de Carvalho Mesquita

Sequências didáticas:
propostas para o ensino dos gêneros



Copyright 2017 © Edufu

Editora da Universidade Federal de Uberlândia/MG

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total por qualquer meio sem permissão da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU - MG, Brasil

D541s Dias, Eliana.

Sequências didáticas : propostas para o ensino dos gêneros. / Eliana

Dias, Elisete Maria de Carvalho . Uberlândia : EDUFU, 2017.

152 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 9788570784629

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Gêneros literários. I.
Mesquita, Eliste Maria de Carvalho. II. Título.

CDU:806.90-25

Sumário

Apresentação	7
Resenha crítica	13
Memórias Literárias	27
A Charge	47
O Epitáfio	59
A Paródia	71
O Artigo de Opinião	83
O Mangá	99
O Conto	107
Os Minicontos	123
A Crônica	131
Referências	144

Apresentação

Gêneros: dos parâmetros curriculares nacionais às
sequências didáticas

Eliana Dias
Elisete Maria de Carvalho Mesquita
(Organizadoras)

O debate sobre a qualidade do ensino no Brasil é antigo. Desde o período colonial até os dias atuais, muitas propostas têm sido apresentadas com o intuito de melhorar a condição da educação brasileira. Dentre essas propostas, ressaltamos a iniciativa de uma grande equipe brasileira, constituída por pesquisadores e professores representantes de diferentes áreas do conhecimento, que deu início à missão de produzir as diretrizes para todas as disciplinas ensinadas em todas as escolas públicas brasileiras. Dentre os vários motivos que fizeram com que essa equipe levasse a cabo essa iniciativa, destacamos o baixo rendimento dos alunos do Ensino Fundamental, principalmente, quando submetidos a testes de aferição de níveis de leitura e escrita, tais como o Saeb e Prova Brasil, por exemplo.

Como resultado dessa iniciativa são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997, 1998), direcionados ao Ensino Fundamental (1ª a 8ª série)¹, que representam uma tentativa de oferecer ao professor, principalmente, possibilidades mais atrativas de se ensinar os conteúdos necessários à formação crítica e cidadã dos alunos do século XXI. Nesse sentido, a proposta desses documentos configura-se como reação contra o ensino mecânico e tecnicista das décadas anteriores, que insistia em valorizar a descontextualização, a memorização de conceitos, regras e fórmulas.

¹ Essa nomenclatura corresponde à época de publicação do documento, quando o segundo ciclo do Ensino Fundamental encerrava-se na 8ª série.

As orientações gerais dos PCN aplicam-se, é óbvio, a todas as disciplinas que, tradicionalmente, constituem a base para a formação escolar dos alunos. Em se tratando, especificamente, do ensino de Língua Portuguesa, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) (Brasil, 1998) apresentam uma proposta calcada numa perspectiva dialógica e enunciativa da linguagem, o que significa a defesa de pressupostos teórico-metodológicos que vão de encontro às iniciativas didáticas ancoradas em teorias estruturalistas, por exemplo, há muito difundidas e endossadas pelo mercado editorial voltado para o ensino e, conseqüentemente, para todo o público envolvido com esse ensino. Ancorados, então, numa perspectiva que entende a linguagem verbal e escrita como ponto fulcral do conhecimento, os PCNLP defendem a necessidade de o aluno dominar completa e eficientemente essa faculdade, pois, é por meio dela, que todas as práticas sociais se concretizam.

A consideração dos objetivos propostos pelos PCNLP levamos a perceber que a principal preocupação desses documentos direciona-se ao desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Se considerarmos que, tradicionalmente, nas aulas de Língua Portuguesa o ensino de gramática sempre ocupou grande espaço, podemos dizer que a valorização da leitura e da escrita configura-se como uma espécie de “acerto de contas” dessas atividades com a história do ensino de Língua Portuguesa brasileiro. Afinal, foi somente após a década de 1990 que o texto começou a ocupar lugar mais representativo no contexto escolar, estando, hoje, prestes a funcionar como “*ponto de partida e ponto de chegada*” (Geraldí, 1991) para o processo de ensino e aprendizagem.

Se levarmos em conta que, apesar das controvérsias, o principal ponto positivo dos PCNLP reside na proposta de se conduzir as aulas com base na noção de gêneros, entendemos que a concepção de texto para esses documentos não poderia ser outra, uma vez que a perspectiva de gêneros na qual se apoiam as diretrizes oficiais dos PCNLP, como explicitado na nota 9, inserida na página 23 do documento, é originária de Bakhtin, Bronckart, Schneuwly e Dolz. Na esteira dessa orientação teórica, dentre

as perspectivas e modelos de escrita existentes, destacamos o trabalho desenvolvido pelo grupo de Genebra, principalmente por Schneuwly e Dolz (2004), que vem se dedicando à elaboração de propostas didáticas para se trabalhar com os gêneros.

A partir da concepção de gênero como “megainstrumento”, esses autores entendem que as práticas de linguagem permitem ao indivíduo, por meio das relações sociais, perceber e, consequentemente, se apropriar do contexto em que está inserido. Essas práticas permitem a ele, ainda, perceber como se dá o funcionamento da linguagem nas mais variadas situações de comunicação. Isso significa que é possível, por meio das relações de ensino e aprendizagem e dos diferentes gêneros usados pelos indivíduos, haver uma mudança de comportamento na sociedade. É, portanto, com base nessa concepção de linguagem e de gênero que esses autores formulam um modelo didático com o objetivo de fornecer subsídios teóricos e metodológicos para o tratamento, em contexto escolar, das especificidades de cada gênero. Para além disso, a proposição do trabalho com os gêneros pode obedecer a um “esquema”, denominado sequência didática, concebido para atender às necessidades relativas, principalmente, ao que diz respeito ao campo da produção escrita, o que justifica a atenção a elas dispensada neste livro.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), as Sequências Didáticas (SD) são “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (Schneuwly; Dolz, 2004, p.97). Na medida em que as SD podem possibilitar aos alunos colocarem em prática tanto os aspectos da linguagem já internalizados quanto aqueles que eles ainda não têm domínio, elas objetivam levar esses estudantes a compreenderem melhor um determinado gênero discursivo. O esquema apresentado pelos autores nos mostra que o ponto de partida para a produção textual é a apresentação da situação, ou seja, é a apresentação detalhada do gênero a ser trabalhado. Após essa apresentação, os alunos serão levados a produzirem o primeiro texto – **produção inicial** – que representa o gênero trabalhado.

De acordo com Schneuwly e Dolz, essa primeira produção deve servir como indicadora para que o professor possa verificar o grau de conhecimento de seus alunos a respeito do gênero em questão. A partir dessa verificação, o professor terá condições de preparar atividades que serão realizadas pelos alunos ao longo de todo o trabalho da sequência didática.

Essas atividades, que visam a levar o aluno a dominar o gênero trabalhado, deverão ser realizadas nos **módulos**, sendo que cada um deles pode ser destinado ao tratamento de uma determinada particularidade do gênero. Além disso, as atividades preparadas pelo professor devem contemplar as dificuldades dos alunos, sejam elas relacionadas à escrita, especificamente, sejam elas mais voltadas para a leitura ou para determinados aspectos gramaticais.

Se todo esse trabalho for realizado a contento, a **produção final** poderá se configurar como uma produção satisfatória do gênero trabalhado. Por meio dessa produção, o professor verificará se o aluno progrediu, se obteve conhecimento sobre o gênero estudado e se adquiriu e aperfeiçoou capacidades linguísticas.

Na medida em que indicam o caminho para que o aluno aprenda tanto a compreender quanto a produzir determinado gênero, entendemos que as SD constituem-se como boa estratégia para levar o aluno a produzir diferentes textos na sala de aula. No entanto, alertamos que o fato de as SD indicarem o percurso a ser trilhado pelo professor não significa, como é facilmente perceptível, que o professor tenha à sua disposição uma fórmula infalível para a escrita. O êxito da adoção dessa ferramenta de ensino dependerá do modo como o professor conduzirá as atividades. Nesse sentido, é preciso mencionar que as sequências didáticas exigem que o professor: I) tenha profundo conhecimento de sua turma; II) saiba selecionar os textos mais relevantes a serem trabalhados; III) esteja atento aos resultados revelados a partir da conclusão de cada etapa do processo de escrita; IV) saiba fazer com que as falhas e/ou problemas apresentados pelos alunos transformem-se em outras atividades na sala de aula.

É bom lembrar que, como dizem Schneuwly e Dolz (2004, p.126) “as sequências não devem ser consideradas como um manual a ser seguido passo a passo. Para o professor, a responsabilidade é efetuar escolhas, e em diferentes níveis”. Desse modo, uma SD somente será bem sucedida se todas as atividades pensadas e elaboradas pelo professor basearem-se nas necessidades de cada aluno. Assim, é preciso considerar, por exemplo, o meio social a que eles pertencem, o momento adequado para o estudo, o conhecimento que possuem sobre o tema abordado e as dificuldades apresentadas individualmente.

Somando-se os procedimentos específicos de uma determinada SD ao conhecimento e à habilidade do professor, os alunos terão o contexto favorável para a produção de textos.

Conscientes de que não há uma única proposta de trabalho para a produção escrita na sala de aula e conscientes, também, da necessidade de se oferecer ao professor, que, por ser nosso colega de trabalho, é tratado ao longo da obra como “você”, ideias para se trabalhar com diferentes gêneros na sala de aula, é que decidimos reunir nesta publicação os trabalhos de diferentes autores que se debruçaram sobre as características textuais-discursivas de diferentes gêneros que devem ser trabalhados na sala de aula.

Entendemos que as diretrizes dos PCNLP levantaram uma grande discussão a respeito do trabalho com os gêneros, mas ainda faltam materiais didáticos e paradidáticos que possam ajudar o professor a trabalhar com essas entidades na sala de aula. Na tentativa de contribuir para o preenchimento dessa lacuna, nesta publicação, apresentamos dez SD² voltadas para o Ensino Fundamental II e Médio.

Essas SD configuram-se como um dos resultados de diferentes trabalhos realizados pelos alunos do Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras – da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), durante os anos de 2013/2015. Os

² O conteúdo das SD são de responsabilidade dos autores.

autores conceberam as SD, tendo como base proposta de trabalho solicitada durante uma das disciplinas do curso. Para atender a essa exigência, cada autor teve a liberdade de escolher um gênero que atendessem às necessidades de sua realidade escolar. Desse modo, eles pesquisaram sobre o gênero escolhido, elaboraram as SD, debateram-nas em seminários e, finalmente, após as discussões, aplicaram-nas em suas salas de aulas. O resultado desse trabalho materializou-se nas SD dos seguintes gêneros: **resenha crítica, memórias literárias, charge, epitáfio, paródia, artigo de opinião, mangá, conto, miniconto e crônica.**

O acompanhamento de projetos, dessa natureza, dos alunos do Mestrado Profissional (Profletras) tem nos mostrado que o docente, bem fundamentado teoricamente, pode desenvolver ou adaptar práticas pedagógicas para suas turmas. Para tanto, esse docente deve considerar o repertório linguístico de seus alunos e as características do gênero discursivo que vão produzir e, com isso, pode adaptar ou criar novas atividades.

Considerando a criatividade dos autores deste livro e, principalmente, a diversidade de atividades sugeridas por eles para se trabalhar com diferentes gêneros na sala de aula, nos sentimos muito à vontade para dizer que acreditamos que esta publicação poderá contribuir significativamente para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos de forma interativa e dialógica, podendo, também, contribuir sobremaneira para o êxito dos alunos, não apenas nas atividades escolares, mas também em suas ações e interações sociais dentro e fora da escola. Atingir esse propósito significa oferecer uma pequena contribuição para que a escola seja um espaço preparado para que o aluno tenha contato com a pluralidade textual (Travaglia, 2008).

Uberlândia, julho de 2016.

Resenha crítica

*Dayse Cardoso Guimarães
Luiz César Cordeiro Cesário
Sônia Alves Dantas*

Modalidade de ensino: Fundamental II

Anos: 6º e 7º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Ler resenhas críticas de filmes.
- Conhecer as particularidades do gênero resenha crítica.
- Produzir resenhas críticas de filmes.

• **Duração das atividades (h/a):** 7 aulas (50 minutos cada)

• **Conhecimentos prévios:**

- Habilidades de leitura e escrita.
- Gênero discursivo: resumo.

• **Estratégias e recursos utilizados:**

- Utilização de resenhas veiculadas na internet.
- Atividades realizadas individualmente e em grupo.
- Exibição do filme “A nova onda do imperador”.
- Utilização do laboratório de informática: *datashow*, computador, internet.

MÓDULO 1: Apresentação da situação e contato com o gênero

Atividade 1: Apresentação da situação:

Professor(a), a primeira aula ocorrerá no Laboratório de Informática³.

Antes de iniciar o trabalho, sugerimos que você apresente uma situação de comunicação que motive o estudo, a análise e a produção do gênero textual Resenha. Por exemplo, um projeto de classe que vise à “alimentação” e à atualização de um *blog*. Poderá ser dito aos seus alunos que o *blog* da escola disponibilizará um espaço semanal para que eles compartilhem impressões/indicações/avaliações a respeito de produtos culturais (livros, filmes, peças teatrais, programas de televisão, *shows*, entre outros). Para tanto, a turma em questão ficará responsável pelas primeiras publicações. Tendo em vista se tratar de um *blog* da escola, a princípio, os destinatários possíveis dos textos serão alunos e professores de outras turmas, mas, por estar disponível na *internet*, o público-alvo das produções textuais se expandirá a outras pessoas que se interessarem pelo conteúdo.

Antes de iniciar a produção de resenhas, proponha um trabalho de reconhecimento do gênero para facilitar, assim, a atividade de produção escrita, conforme sugerimos a seguir.

• Contato com o gênero:

Professor(a), sugerimos que você pergunte aos alunos:

- Que critérios vocês utilizam para selecionar filmes, livros, peças teatrais que assistirão/lerão?
- Vocês costumam buscar informações ou pedir indicações, por exemplo, antes de ir assistir a um filme?

³ Caso a escola não disponha de um laboratório de informática ou de uma quantidade suficiente de computadores para todos os alunos, a atividade poderá ser realizada em casa ou o professor poderá pensar em alguma estratégia de ensino que dispense o uso do laboratório.

– Quando optam por buscar informações, que fontes vocês privilegiam? Amigos, revistas, jornais, *sites* na internet ou outras fontes?

– Vocês sabiam que alguns *sites* na *internet* trazem textos com informações que podem contribuir para a realização de escolhas sobre que filmes assistir?

A partir das respostas dos alunos, solicite que os estudantes acessem os *sites* indicados abaixo e leiam os textos disponibilizados.

Site 1: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-191035/criticas-adorocinema/> (Salgado, 2014).

Site 2: <http://livrosleituraseafins.blogspot.com.br/2013/08/resenha-meu-malvado-favorito.html> (Ferreira, 2013).

Site 3: <http://www.cantodosclassicos.com/malevola-resenha/> (Hoça, 2014).

Professor(a), em seguida, sugira a seguinte atividade aos alunos:

Roteiro de leitura

- 1) Você já assistiu aos filmes apresentados nos textos? Se sim, quais deles?
- 2) Os textos apresentados são resenhas de filmes. De acordo com as leituras realizadas, qual a intenção dos autores ao escrever esses textos?
- 3) O que os textos lidos têm em comum?
- 4) Você acha que esses textos podem ser úteis no momento de seleção de filmes que assistirão? Por quê?

Importante: professor(a), após a realização das atividades, apresente a definição de resenha e discuta o(s) conceito(s) desse termo com seus alunos.

Resenhas são textos que fazem uma apreciação, avaliação e resumo de uma peça artística (livro, filme, shows, programas televisivos, etc.) com a finalidade de informar, persuadir e indicar ou não o objeto artístico em questão. Dessa forma, a resenha ajuda o leitor a escolher entre ver, ouvir ou ler, por exemplo, um livro. Geralmente, a resenha é publicada em meios de comunicação impressos como jornais e revistas, além do meio digital, em *sites* da internet.

Atividade 2 (3h/a): Produção inicial

Professor(a), nesta etapa, os alunos poderão assistir ao filme “A nova onda do imperador”⁴ e, após isso, elaborarão um primeiro texto, revelando assim as representações que têm do gênero discursivo resenha.

Para auxiliar na tarefa de produção do primeiro texto, sugerimos que entregue aos alunos uma cópia com os dados técnicos do filme, como a proposta no modelo.

ANÁLISE DE FILME	
<i>A NOVA ONDA DO IMPERADOR</i>	
Professor (a): _____	Data: ____/____/____
Aluno (a): _____	
Ficha técnica	
Título original: <i>The Emperor's New Groove</i>	Ano: 2000
País de origem: Estados Unidos (EUA)	Duração: 1h 19 min
Gênero: Animação, musical	Diretor: Mark Dindal
Classificação: Livre	
Elenco: David Spade, John Goodman, Patrick Warburton...	

⁴ Filme disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yr48FRaoroQ> (A nova..., 2000).

Sinopse do filme

Em um reino mítico e rodeado de montanhas, o jovem e arrogante imperador Kuzco é transformado em uma lhama



por sua conselheira, a poderosa bruxa Yzma. Perdido na floresta, a única chance de Kuzco recuperar seu trono é contando com a ajuda de Pacha, um simplório camponês. Mas ambos precisarão enfrentar a bruxa Yzma antes de concluir sua jornada.

Fonte: Club TV (2013).

Produção de texto: resenha crítica

Considere a seguinte situação: você assistiu ao filme e deve produzir um texto escrito o recomendando ou não às pessoas, pois você faz parte da equipe responsável por publicações no *blog* da escola. Escreva um texto, com no mínimo 20 linhas, divididas em três parágrafos, **apresentando o filme** aos alunos e funcionários da escola, principalmente, **e deixando clara e explicada sua opinião** sobre ele. Lembre-se de criar um título para seu texto.

Título: _____

1. _____

2. [...]

Atividade 3 (1h/a): Organização e sistematização dos conhecimentos

Professor(a), nesta etapa, os alunos poderão fazer uma leitura atenta sobre as especificidades do gênero resenha, a fim de ampliar e sistematizar os conhecimentos sobre o gênero. Para tanto, poderá ser realizada uma atividade de leitura e análise de resenhas, como a proposta que se segue.

Sempre que lemos, ouvimos ou assistimos algo, construímos uma opinião. Às vezes, essas opiniões formam textos que buscam apresentar e avaliar uma obra cultural (livro, CD, peça teatral, exposições), como as resenhas críticas. Veja como esse tipo de texto se organiza.

Texto I

Para comemorar o fim das aulas

Ação, humor, aventuras e muito suspense. Você vai achar tudo isso em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, tanto no livro como no filme. Com o livro, você se diverte usando a imaginação ao ler uma história incrível, que envolve você ao máximo. No filme, você não desgruda da cadeira nem pisca, com tanta magia na tela. Como o filme é baseado no livro, a história é a mesma. Mas no filme alguns fatos foram cortados para não ficar muito grande. Alguns exemplos são:



- 1) Harry vive ameaçando usar sua magia com seu primo e seus tios.
- 2) Quando Dobby visita Harry, ele faz um feitiço de levitação. Como Harry é o bruxo da casa, o Ministério da Magia pensa

que foi ele quem fez o feitiço e manda uma carta avisando que, se ele praticar mais alguma mágica, será expulso de Hogwarts.

- 3) Foram cortados o espelho mágico dos Weasleys e o quarto de Rony.
- 4) A parte em que Harry e os Weasleys tiram os gnomos do jardim.
- 5) A parte em que Rony cumpre sua punição após a chegada a Hogwarts.

Mesmo assim, o filme é hiperlegal e ótimo para comemorar o fim das aulas com os amigos.

Fonte: Boffa (2002).

Texto II

É melhor do que o primeiro

Quem assistiu a *Harry Potter e a Pedra Filosofal* no cinema sentiu algumas falhas, principalmente quem tinha lido o livro antes. Isso já não acontece tanto em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, que é melhor do que o primeiro, apesar de ter alguns cortes.

Com a melhor atuação e expressão dos atores Daniel Radcliffe, Emma Watson e Rupert Grint, o filme ficou melhor. E, com a nova trama, ganhou um tom mais sombrio. O segundo filme é bem mais emocionante do que o primeiro. E tem mais suspense, o que faz a gente pular na cadeira.

Mas fica uma pergunta: como é que vai ficar o terceiro filme sem Richard Harris, o ator que faz o papel de Dumbledore? Harris morreu. Não vai ser fácil substituí-lo.

Fonte: Baradelli (2002).

A partir da leitura dos dois textos acima (que são chamados de resenhas críticas), responda às questões que seguem:

- 1)** Os textos acima são muito comuns em jornais e revistas. Qual é o objetivo dos textos I e II?
- A) Informar sobre um acontecimento.
 - B) Informar e avaliar uma obra.
 - C) Apresentar um estudo sobre certo assunto.
 - D) Apresentar uma previsão.
- 2)** Qual é o assunto dos textos I e II?
- A) Os livros de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.
 - B) Alguns livros de Harry Potter.
 - C) O filme *Harry Potter e a Câmara Secreta*.
 - D) O filme *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.
- 3)** Sobre os textos “Para comemorar o fim das férias” e “É melhor do que o primeiro” pode-se afirmar que:
- A) o texto I faz uma avaliação positiva da obra, mas o texto II apresenta uma crítica negativa.
 - B) os textos I e II fazem uma mesma avaliação negativa da obra.
 - C) o texto I não recomenda a obra, enquanto o texto II sim.
 - D) tanto o texto I quanto o texto II são favoráveis à obra apresentada.
- 4)** Na primeira resenha (texto I), a autora faz uma comparação entre ler o livro e assistir ao filme. De acordo com o texto, o que o livro exige mais do leitor do que o filme?
- A) Imaginação.
 - B) Humor.
 - C) Atenção.
 - D) Nada.
- 5)** De acordo com o texto I, houve alguma adaptação do livro *Harry Potter e a Câmara Secreta* para o cinema? Justifique sua resposta.
- 6)** Ainda sobre o texto I, o que o livro *Harry Potter e a Câmara Secreta* tem em comum com o filme?

- 7) Para a autora da primeira resenha (texto I),
- A) o filme é melhor que o livro.
 - B) o filme e o livro são bons.
 - C) o livro é melhor que o filme.
- 8) A autora do texto I aponta pontos positivos e **um** ponto negativo do filme *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Cite o que ela aponta de negativo, no filme.
- 9) A autora da primeira resenha (texto I) comparou o filme ao livro. Qual é a comparação que a autora do **texto II** faz?
- 10) Por que a autora da segunda resenha (texto II) afirma que “o filme ficou melhor”?
- 11) Apesar das duas autoras apontarem aspectos diferentes sobre os filmes, em que elas concordam? Justifique com um trecho do texto.
- 12) Em resenhas críticas, o autor geralmente defende um ponto de vista sobre alguma obra (filme, CD, livro etc.) e procura comprová-lo com explicações, exemplos etc. Além disso, é importante organizar bem as ideias, inclusive, evitando a repetição próxima de palavras ou ideias.
- a) O que a autora quis dizer quando afirma: “**Isso** já não acontece tanto em *Harry Potter e a Câmara Secreta* [...]” (1º parágrafo, texto II)? Explique com suas palavras.
 - b) A que se refere a palavra destacada na frase “Não vai ser fácil substituí-**lo**” (3º parágrafo, texto II)?
- A) Ao terceiro filme.
 - B) A Richard Harris.
 - C) A Dumbledore.
 - D) A Harry Potter.

- 13)** Ao ler resenhas críticas, percebemos que o principal são as opiniões dos autores. O que a autora do texto II pensa do ator Richard Harris, quando ela diz que “Não vai ser fácil substituí-lo”?
- 14)** Escolha uma das resenhas (texto I ou texto II) e produza um resumo dela, de acordo com o que foi discutido na sala de aula sobre como produzir **resumos**.

Ao discutir com os alunos as respostas apontadas para as atividades acima, é importante que eles sejam incentivados a justificar as respostas escolhidas, inclusive citando trechos dos textos que as comprovem.

Professor(a), ao final dessa atividade, você pode propor aos alunos que registrem, no caderno, os conhecimentos construídos nessa aula sobre o gênero resenha. Esse registro, como apontam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.90), pode assumir uma “forma sintética de lista de constatações ou de lembrete ou glossário”.

Atividade 4 (1h/a): Organização e sistematização dos conhecimentos

Professor(a), inicie essa aula, relembrando com os alunos as características do gênero discursivo resumo, estudado anteriormente, retomando as produções realizadas na questão 14 da atividade anterior, enfatizando que, enquanto o gênero *resumo* não admite atribuição de juízos de valor, no gênero resenha essa avaliação do autor é necessária, visto que o objetivo da resenha é avaliar o conteúdo do produto cultural (livro, filme, *show*, peça teatral).

Em seguida, sugerimos que apresente aos alunos a resenha do filme *Super 8* e peça que eles identifiquem os trechos em que o autor descreve o filme e as passagens em que o avalia.

Viagem Nostálgica aos anos 1980

Felipe Branco Cruz

[...]

A história de “Super 8”, que chega hoje aos cinemas, se desenrola após um misterioso acidente de trem ocorrer no momento em que um grupo de garotos grava uma cena. Uma carga estranha é jogada para fora. Depois disso, pessoas começam a desaparecer numa pequena cidade do Estado de Ohio (EUA). A cena do acidente é espetacular: vagões em chamas são arremessados enquanto os meninos correm em meio a destroços, fugindo da morte iminente. Enquanto isso, a câmera super 8 deles fica ligada e registra tudo.



Não há nada no filme que seja revolucionário. Mesmo assim, esse longa deve ser citado daqui a 20 anos pelas crianças de hoje, assim como lembramos de “Goonies” ou “E.T.”, por tratar de temas universais como amizade e companheirismo, mesclado a um mundo de ficção e teorias conspiratórias.

Mas o alien de “Super 8” não carrega nada do fofo E.T. de Spielberg. É um monstro assustador, que é mostrado poucas vezes no filme, deixando no ar a sensação de suspense. Mas tudo o que ele quer é voltar para casa. As cenas da aeronave do alien parecem ter saído diretamente de “Contatos Imediatos de Terceiro Grau”. As cenas de perseguição também parecem inspiradas em “Indiana Jones” e “De volta para o Futuro”.

[...]

Uma dica: não vá embora assim que o filme acabar. Fique para ver os créditos subirem na tela. Uma divertida surpresa fará valer a pena ficar alguns minutos a mais na sala de projeção.

Fonte: Cruz (2011).

Professor(a), os alunos não precisam apontar e diferenciar todas as passagens descritivas e avaliativas do texto. O importante, nessa atividade, é que eles consigam perceber que o gênero resenha é resultado de uma combinação entre resumo e avaliação sobre uma obra.

Além disso, outras características do gênero resenha podem ser destacadas nesse momento.

Importante: professor(a), leve os alunos a perceberem que, em todas as resenhas lidas, até o momento, os autores avaliam a obra, sem, no entanto, descrevê-la até o fim.

No caso dos filmes, por exemplo, é importante também que os alunos entendam que, nas resenhas, o final do filme não pode ser incluído no texto. Portanto, esse momento é uma boa oportunidade para explicar aos alunos o conceito de *spoiler*.

Para saber mais...

spoiler tem origem na palavra *spoil* (do inglês) e significa estragar. Ou seja, *spoiler* refere-se a qualquer fragmento de fala, texto, imagem ou vídeo que revele fatos importantes ou desfecho da trama de obras, que na maioria das vezes prejudicam a apreciação de tais obras pela primeira vez. O *spoiler* é também uma espécie de estraga-prazeres, pois ele é aquele indivíduo que conta os finais, ou o que vai descrever características marcantes de determinado personagem em filmes, séries, livros, sem saber se a outra pessoa realmente se interessa por essas informações no momento.

Fonte: Adaptado de Spoiler (2014, 2015).

Professor(a), também é interessante discutir com os alunos sobre a presença de *comparações* entre obras em resenhas como um recurso que pode levar o leitor a fazer associações com obras que ele talvez já conheça ou mesmo com a intenção de facilitar a compreensão do leitor sobre a obra avaliada.

Ao final dessa atividade, novamente, proponha aos alunos que registrem, no caderno, os conhecimentos construídos nessa aula sobre o gênero resenha.

MÓDULO 2: Produção final e avaliação

• Produção final:

Professor(a), nesta etapa, recomendamos que você inicie a produção inicial da resenha e realize uma autoavaliação, utilizando a ficha abaixo como parâmetro. Essa avaliação tem o intuito de aprimorar os textos por meio da consolidação dos conhecimentos adquiridos sobre o gênero, a partir das atividades propostas nas aulas, o que resultará na produção final dos alunos.

Avalie sua resenha		
	SIM	NÃO
O leitor compreenderá, ao ler o título e o 1º parágrafo de sua resenha, qual é a obra analisada?		
O leitor encontra em sua resenha um resumo do filme?		
Está clara, na resenha produzida, a opinião defendida a respeito da obra analisada?		
Existem justificativas que explicam e contribuem para a defesa de sua avaliação?		
As ideias e informações apresentadas se relacionam?		
A comparação foi um recurso utilizado na resenha produzida?		
Existem <i>spoilers</i> na sua resenha?		
A linguagem e o conteúdo da resenha estão adequados ao público previsto?		

- **Avaliação:**

Professor(a), a avaliação das atividades desenvolvidas ao longo da sequência didática deverá ser diagnóstica, processual e contínua. No entanto, a produção final dos alunos poderá ser avaliada também de forma somativa, se assim se desejar.

Importante: professor(a), é interessante que os alunos tenham seu *feedback*, após a entrega da produção final, e, caso haja necessidade, realize novamente uma reescrita do texto, contemplando as suas observações.

Memórias Literárias

Lorena Faria de Souza
Heloisa Maria Marques Lessa

Modalidade de Ensino: Fundamental II

Ano(s): 6^o

Componente Curricular – Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Reconhecer as memórias literárias como um gênero da ordem do relatar, pertencente ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situando-as no tempo.
 - Observar, analisar e apropriar-se dos recursos linguísticos próprios do gênero memórias literárias, a fim de utilizá-los adequadamente na compreensão e produção textual desse gênero.
 - Identificar o emprego dos verbos e outros marcadores temporais como recursos linguísticos inerentes ao gênero memórias literárias, a fim de utilizar adequadamente esses recursos na construção de sentidos do texto.
 - Verificar, por meio das atividades propostas, a função semântico-estilística do verbo na construção do texto.
 - Produzir um texto de memórias literárias a partir dos conhecimentos adquiridos ao longo da sequência didática.
- **Duração das atividades (h/a):** 10 aulas de 50 minutos.

- **Conhecimentos prévios:**

- Habilidade de leitura e escrita.
- Conhecimentos sobre o gênero relato de experiência vivida.
- Aspectos gerais dos tempos verbais.

- **Estratégias e recursos utilizados:**

- Projetor multimídia.
- Apresentação de slides.
- Quadro e pincel.
- Fontes histórico-escolares: textos de memórias, vídeos.
- Folhas de atividades impressas.

MÓDULO 1: Apresentação da situação comunicativa e produção inicial (2 aulas)

Professor(a), este é o momento de apresentação da situação comunicativa, a fim de preparar os alunos para a realização de uma produção inicial. Sugerimos que faça a sensibilização para o tema por meio de imagens antigas projetadas em *Power point*, seguidas de uma discussão sobre a importância da lembrança e da memória para a formação cultural e identitária e as várias formas de se relatar experiências e memórias, considerando diferentes contextos de produção.



Fonte: Imagem de domínio público disponível no Google.



Fonte: Imagens de domínio público disponíveis no Google.

– Sugestões de perguntas para a sensibilização inicial (esta parte deve ser feita oralmente, permitindo que os alunos relatem um pouco de suas experiências e opiniões sobre o tema):

- 1) O que nós podemos identificar nessas imagens?
- 2) Como vocês acham que as pessoas viviam e as crianças se divertiam antigamente?
- 3) Vocês acham que é importante registrar ‘um pouco’ dos momentos importantes que vivemos? Por quê?
- 4) Por que será que determinados momentos parecem passar tão rapidamente e outros demoram tanto? Quais deles mereceriam ficar registrados? Por quê?
- 5) Como é possível registrar acontecimentos importantes em nossa vida?
- 6) Por que é importante conhecer nossa história? Qual é o papel da lembrança em nossas vidas?

Professor(a), após essas discussões iniciais, apresente o vídeo da escritora Zélia Gattai⁵, esposa já falecida de Jorge Amado, sobre como ela começou a escrever suas memórias literárias. Contextualize para os alunos quem foi Zélia Gattai e também Jorge Amado, contando a eles que, na terceira aula da sequência, estudarão um texto de memórias dessa escritora.

⁵ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=kX9hskUwodI> (Zélia..., 2011).

Em seguida, sugerimos que peça aos alunos que simulem que são pessoas idosas, que vão contar suas memórias de outros tempos: como eram as brincadeiras, os transportes, enfim, a vida de antigamente. Os alunos poderão, ainda, relatar experiências de sua própria infância, que considerem importantes e dignas de fazer parte de um livro de memórias.

Na sequência, cada aluno poderá fazer, a partir de suas ideias, uma produção inicial. Essa produção servirá de ponto regulador da sequência, para que seja realizada uma primeira avaliação formativa, capaz de adaptar a sequência às capacidades reais dos alunos de cada turma. É provável que não haja tempo suficiente para que os alunos terminem a produção na sala de aula. Caso isso aconteça, recomendamos que você, professor, peça para que eles terminem a tarefa em casa e a tragam na próxima aula.

MÓDULO 2 - Conhecendo as características do gênero memórias literárias (4 aulas)

Professor(a), este segundo módulo pretende ampliar as discussões sobre as características do gênero memórias literárias, a fim de aprofundar alguns conceitos dados na apresentação da situação comunicativa. Para isso, poderá ser trabalhado o texto **“Vou contar...”**, da escritora Ilka Brunhilde Laurito. Este texto faz parte do livro **“A menina que fez a América”**, ganhador do Prêmio Jabuti de literatura infanto-juvenil. As questões propostas serão importantes para que os alunos conheçam como o texto de memórias se organiza e para que sejam identificadas as características estudadas.

Ainda neste módulo, sugerimos que seja feita uma revisão dos conceitos de **narrador e personagens**, a fim de demonstrar o tipo de narrador presente no gênero memórias literárias.

Importante: professor(a), no início da aula, retome um pouco das discussões iniciais sobre o gênero e recolha as produções iniciais dos alunos.

Em seguida, entregue cópias impressas aos alunos do texto **“Vou contar...”**. Faça a leitura do texto em voz alta com os estudantes e realize oralmente a correção das atividades, após ter dado um tempo para que eles respondam às questões propostas.



LEITURA

Veja a Assessoria Pedagógica.

O texto que você vai ler faz parte do livro *A menina que fez a América*. A obra apresenta a história de uma menina que, aos dez anos de idade, mudou-se da Itália para o Brasil. Para escrever essa história, a autora baseou-se nos fatos vividos e contados pela mãe. São acontecimentos, lugares, pessoas e sentimentos resgatados no tempo e no espaço, lá do fundo da memória.

Vou contar...



A minha história começa muitos e muitos anos atrás.

Atrás de onde?, podem perguntar vocês. E eu responderei: atrás de hoje. Ontem. Antes de anteontem. Longe, na minha memória: lá é o tempo e o espaço da minha história.

Eu vou morrer um dia, porque tudo o que nasce também morre: bicho, planta, mulher, homem. Mas histórias podem durar depois de nós. Basta que sejam postas em folhas de papel e que suas letras mortas sejam ressuscitadas por olhos que saibam ler.

Por isso, aqui está para vocês o papel da minha história: uma vida-menina para as meninas dos seus olhos.

Vou contar...

Eu nasci no ano de 1890, numa pequena aldeia da Calábria, ao sul da Itália. E onde fica a Itália?... É só olhar um mapa da Europa e procurar uma terra em forma de bota, que dá um pontapé no mar Mediterrâneo e um chute de calcanhar no mar Adriático.



É lá.

Lá, nessa terra entre mares, foi que eu nasci num dia de inverno, quando as flores silvestres que perfumavam o ar puro dos campos da minha aldeia estavam à espera do reflorescer da primavera.

Saracena: este era o nome do lugar pequenino onde nasci.

Eu disse “era”, embora o lugar ainda exista e tenha crescido, como eu também cresci. Mas como nunca mais voltei para lá, acho que não pode ser mais o mesmo que conheci e onde vivi até os dez anos de idade. A Saracena de 1890 era aquela sem a comunicação do telefone, os sons do rádio e as imagens da televisão nas casas; sem o eco dos carros e das motocicletas nas estradas ou o ronco dos aviões sobre os telhados. A música que andava no ar, nos tempos da minha infância, vinha do canto dos pássaros, do chiar das rodas das carroças, das batidas dos cascos dos cavalos, do burburinho do riso das crianças e do lamento dos sinos das igrejas. Essa era a voz da terra onde começava a minha vida e terminava o meu mundo.

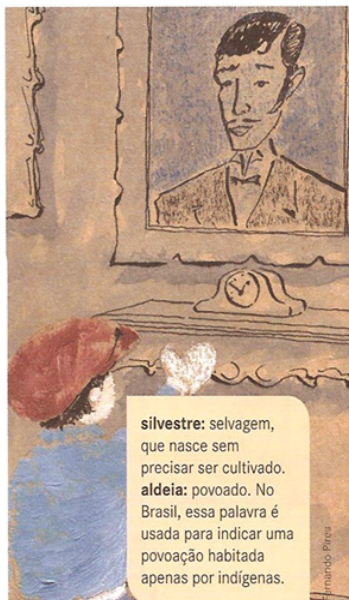
Nunca cheguei a conhecer meu pai, Doménico Gallo. Só em retrato: um homem alto, bonito, de finos bigodes. Dizem que ele ficou muito feliz quando eu e meu irmãozinho Caetano nascemos. Ah, esqueci de dizer que meu nome é Fortunata e que, quando menina, me chamavam de Fortunatella.

(LAURITO, Ilka Brunhilde. *A menina que fez a América*. São Paulo: FTD, 2002. p. 5-7)

Veja a Assessoria Pedagógica.

Ilka Brunhilde Laurito

(1925) nasceu em São Paulo. Escreve poesia, crônicas e prosas de ficção. Durante muito tempo foi professora na rede pública de ensino do estado de São Paulo. Ganhou o prêmio Jabuti de literatura infantojuvenil com o livro *A menina que fez a América*.



silvestre: selvagem, que nasce sem precisar ser cultivado.
aldeia: povoado. No Brasil, essa palavra é usada para indicar uma povoação habitada apenas por indígenas.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2012, p.20).

Estudo do texto:

• Discussão oral:

Converse com seu professor e os colegas sobre as perguntas a seguir:

1) O que mais chamou sua atenção na história de Fortunatella?

- 2) Quais são as principais diferenças entre Saracena e o lugar onde você mora?
Em duplas, agora respondam nos espaços destinados as seguintes questões:
- 3) Segundo a autora, que diferença há entre bicho, planta, mulher, homem e as histórias? Como você relaciona essa ideia com o fato de a autora ter registrado essa história por escrito?
- 4) A autora usou reticências no título do texto: ‘Vou contar...’. O título teria um sentido diferente sem as reticências? Que ideia esse sinal de pontuação transmite?

Linguagem e recursos expressivos

Narrador e personagens

- 1) Releiam este trechos do texto ‘Vou contar...’:

“A minha história começa muitos e muitos anos atrás.

Atrás de onde? podem perguntar vocês. E eu responderei: atrás de hoje. Ontem. Antes de anteontem”.

Quem é o ‘eu’ que conta a história e em que momento seu nome é revelado ao leitor?

- 2) O texto começa como se houvesse um diálogo, uma conversa. Quem participa desse diálogo e que palavras do texto indicam esses participantes?
- 3) Como leitores, que efeito essa conversa provoca em vocês: proximidade ou distanciamento em relação a quem conta a história?
Agora, respondam nos espaços indicados:

- a) Qual dos trechos apresenta um narrador que participa dos acontecimentos? Esse narrador é também personagem da história?
- b) Quais palavras desse trecho indicam que o narrador está ‘dentro’ da história?
- c) O narrador do trecho II também é uma personagem ou se parece mais com um observador que está ‘fora da história’?

O narrador que participa dos acontecimentos narrados é chamado **narrador-personagem**. Percebemos em sua narração as marcas da **primeira pessoa do discurso**. Veja:

► “Saracena: este era o nome do lugar pequenino onde *nasci*.
Eu disse “era”, embora o lugar ainda exista e tenha crescido, como *eu* também *cresci*.”

Tudo o que faz parte da história chega ao leitor por meio do narrador: os fatos que o leitor fica sabendo e o modo como os acontecimentos e as personagens vão aparecendo na história.

A noção de pessoas do discurso será tratada mais adiante.

Fonte dos exercícios: Delmanto e Carvalho (2012, p.20).

Após a correção das atividades, sugerimos que os alunos sejam levados a elaborarem um quadro, no qual constem as principais características do gênero memórias literárias, de maneira sucinta. É fundamental que tal momento seja realizado com a indicação das informações feita pelos próprios estudantes, ao responderem questões como:

- De acordo com o estudo que fizemos até agora, quais são os interlocutores da situação de produção de um texto de memórias?
- Qual a função principal de um texto de memórias literárias?
- Qual é a linguagem utilizada neste gênero discursivo?
- Que tempo verbal predomina nestes textos?, e assim por diante.

Vale ressaltar que este é um momento para que o aluno seja protagonista, e não o professor, ou seja, o quadro deve ser organizado de modo que as percepções dos educandos sobre o gênero sejam consideradas. De qualquer forma, apenas para seguir como guia, sugerimos, a seguir, um texto com algumas informações sobre o gênero, que pode ser adaptado de acordo com a comunidade de leitores e a necessidade de cada professor e suas turmas.

Importante: na próxima aula, professor(a), sugerimos que você aprofunde o estudo sobre as características do gênero com o uso do texto da escritora Zélia Gattai, autora citada na aula de apresentação do tema.

Gênero Memórias Literárias

Memórias literárias são textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais. O público-alvo desse gênero é bastante variado. A função principal do gênero memórias é entreter o leitor, transmitindo histórias de outros tempos, lugares e modos de viver, levando-nos a fazer uma viagem no tempo.

Normalmente, em textos de memórias literárias, o autor faz uma ponte entre o passado e o presente e o entre o aqui e o lá, motivado pela lembrança de fatos, imagens, lugares e percepções que são interpretados de modo pessoal e de forma poética, sendo que o estilo da linguagem varia de acordo com o perfil do autor, mas comumente predomina a variedade padrão da língua. Geralmente, a ação ocorre no tempo passado, indicada pelos verbos e outras expressões que indicam tempo.

Fonte: Altenfender e Clara (2012).

MÓDULO 3 - Aprofundando o estudo e conhecendo os recursos linguísticos do gênero memórias literárias (2 aulas)

Professor(a), nesta terceira etapa, o objetivo é aprofundar o estudo do gênero memórias literárias e trabalhar os recursos linguísticos, especialmente, o uso dos verbos e outros marcadores temporais. A dinâmica da aula deve ser feita por meio de exposição dialogada, com apresentação de *slides* e as seguintes estratégias de ensino:

1º momento - Introdução:

- Apresentação inicial.
- Retomada de aspectos discutidos em aulas anteriores a respeito do gênero memórias.
- Apresentação de uma pergunta motivacional:

“Vocês conhecem alguém que tenha um nome bem diferente?”, a fim de introduzir o tema dos textos a serem trabalhados*.

Professor(a), neste momento, sugerimos que você permita que os alunos relatem algumas de suas vivências em relação a nomes diferentes. Caso haja algum estudante com um nome inusitado na turma, pedir para que seja explicado o porquê da escolha desse nome. Professor(a), tenha o cuidado de não ridicularizar ninguém, mas tente perceber as motivações das escolhas de determinados nomes.

Professor(a), lembre-se de que, nesta aula, o texto a ser trabalhado é o da escritora Zélia Gattai. Os alunos assistiram a um vídeo da escritora na primeira aula da sequência.

2º momento – Desenvolvimento:

Professor (a), entregue cópia impressa dos textos ‘Tia Hiena’ e ‘Nonno Gattai’, retirados do livro *Città di Roma*, de Zélia Gattai (2012).

Final do século XIX. Sob um inverno rigoroso, famílias italianas decidem emigrar para São Paulo. Entre elas, os Da Col e os Gattai, que embarcam em busca de uma vida melhor. Vão para São Paulo, onde Angelina Da Col e Ernesto Gattai se conhecem, casam-se e têm filhos. A caçula da família é a pequena Zélia, que, já, adulta, rememora fatos vividos ou contados por seus pais e avós. No trecho que vamos ler agora, ela relembra a história de uma das crianças que vieram no navio Città di Roma e que morreu em 1890, dois dias após o desembarque no Brasil.

Tia Hiena

Tia Hiena estaria festejando cento e onze anos de idade, não tivesse morrido aos dois.

Passei a infância e adolescência ouvindo a família — mamãe, mais do que todos — lamentar o triste fim da menina, a mais nova dos quatro irmãos de seu marido nascidos na Itália.

Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, tia. Um dia lhe perguntei:

— Por que ela se chamava Hiena, mãe?

A resposta não se fez esperar:

— Ela, não! Mais respeito, menina! Titia Hiena.

Eu perguntara por perguntar, o que eu queria mesmo era atazanar mamãe, fazendo-a repetir o que já estava farta de saber, tantas vezes a ouvira repetir o fato.

Minhas irmãs mais velhas haviam até procurado no dicionário referências sobre o animal que originara o nome de nossa tia.

Do pouco que sabíamos sobre a hiena — da característica pitoresca e simpática, a das gargalhadas sonoras e escancaradas — o verbete não tratava, dizia apenas: “Mamífero, carnívoro e digitígrado que se alimenta sobretudo de carne de animais mortos e putrefatos e que tem pelo cinza ou ruivo com manchas escuras...”.

Curiosa, Wanda, a mais velha de minhas irmãs, teve a pachorra de procurar no dito dicionário o significado de “digitígrado”. E lá estava: “... que anda nas pontas dos dedos...”.

Imaginação fértil de criança, eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos, focinho levantado para o céu, bocarra escancarada, dentões à mostra, rindo a bandeiras despregadas. Chegava a me arrepiar.

Nos dias de hoje, o falado chupa-cabra que andou ocupando as manchetes dos jornais, animal misterioso que matava cabras e ovelhas, sugando-lhes o sangue, uma espécie de fantasma, bicho-papão de criadores de gado e pequenos lavradores, lobisomem que nunca ninguém viu e que assim como veio se foi, faz-me pensar na hiena.

Cada qual guardou do chupa-cabra a imagem criada pela própria imaginação. Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena, com seus pelos fulvos e manchas escuras, a caminhar nas pontas de seus longos dedos, lembrança que guardei da minha fantasia de criança.

Nonno Gattai

Dona Angelina, minha mãe, costumava dizer: “O avô de vocês, o nonno Gattai, era um homem destemido. Livre-pensador, de ideias avançadas, dizia o que pensava, fazia o que achava justo e direito. Passava por maus pedaços devido às suas ideias, mas não recuava. Era um ‘testardo’, um obstinado”, concluía.

[...]

Nonno Gattai foi registrar a filha. Desencavara para lhe dar um nome polêmico, ótimo para escandalizar. Sem consultar a mulher, talvez com receio de que pela primeira vez ela estrilasse, saiu de casa, satisfeito da vida, imaginando o espanto do escrivão do cartório, o primeiro a se horrorizar com o nome que ele arranjara para a filha, o primeiro a receber a resposta já prontinha, na ponta da língua.

Antegozando o impacto que a provocação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.

De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.

— Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? — perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

— Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez — disse o pai da criança.

— Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapulir:

— Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança.

— Fosse eu o escrivão — disse Vera, minha irmã, interrompendo mamãe —, tinha dado uma boa resposta. Eu diria: “Olha aqui, moço, o Leão é o rei dos animais e a Hiena é um bicho nojento...”. Foi uma pena ele não lembrar disso. Só queria ver com que cara o nonno Gattai ia ficar...

— Você agora está contra seu avô, menina? — reclamou mamãe. — Você não ia ver cara nenhuma. Isso aconteceu há tantos anos que vocês ainda nem sonhavam sair da casca do ovo...

Fonte: Gattai (2012).

A autora

Filha de imigrantes italianos, Zélia Gattai Amado (1916-2008) nasceu na cidade de São Paulo, onde viveu toda sua infância e adolescência. Casada com o também escritor Jorge Amado, começou a escrever suas memórias aos 63 anos. Entre seus livros de memórias, estão *Anarquistas*, *Graças a Deus*, *Città di Roma*, *Um Chapéu para Viagem* e *Senhora Dona do Baile*.

- Sugerimos uma leitura em voz alta pelo professor. Antes da leitura, professor(a), peça para que os alunos circulem as palavras desconhecidas.
- Leitura de um breve comentário sobre a autora.
- Momento para sanar dúvidas de vocabulário.

3º momento – Prática:

- Entrega da folha de atividades nas carteiras.
- Análise coletiva das questões propostas sobre as características principais dos textos buscando a compreensão.
- Análise coletiva das questões propostas a respeito do emprego dos verbos e outras expressões capazes de marcar o tempo nos textos estudados.
- Comentário a respeito dos tempos verbais usados nos textos: retomada de conhecimentos prévios sobre tempos do pretérito.

Exploração do texto

Questão 1: Já vimos em aulas anteriores que, em um texto de memórias, o autor relata fatos de sua vida que considera importantes, de acordo com o significado que tiveram para ele. Nos dois capítulos do livro *Città di Roma* que lemos, a memorialista Zélia Gattai conta fatos sobre a tia Hiena que foram marcantes para a família e que ficaram registrados em sua memória. O que a autora conta?

Questão 2: Sabemos que o autor de um relato de memórias literárias fala de si, de seus sentimentos e emoções, narrando fatos dos quais participou, mas que envolvem também outros personagens.

- a) Que personagem teve papel fundamental na escolha do nome de tia Hiena?

- b) Como essa personagem é descrita pela mãe da memorialista?
- c) Com que objetivo essa personagem escolheu o nome de tia Hiena?

Questão 3: Dona Angelina, mãe da memorialista, assume um papel importante na preservação da memória de seus antepassados. Explique o porquê.

Questão 4: É correto o pai escolher livremente o nome de um filho, sem consultar mais ninguém? Em sua opinião, como deve ser feita essa escolha e quem deve participar dela?

Recursos linguísticos do texto – recordando os tempos verbais

Questão 5: Nos textos de memórias, ao escreverem sobre suas experiências vividas, os autores normalmente usam expressões e verbos capazes de situar o leitor no tempo, já que muitas vezes as lembranças não são muito nítidas, pois os fatos estão distantes no tempo. Considerando essas informações, observe as formas verbais destacadas nas frases abaixo:

“Passei a infância e a adolescência ouvindo a família [...] lamentar o triste fim da menina [...].”

“[...] eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos [...].”

“[...] saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença [...]”.

- a) Em que tempo estão todas elas?
- b) Levante hipóteses: por que a autora utiliza esse tempo verbal tão frequentemente em seu relato?
- c) Seria possível escrever um texto de memórias usando outro tempo verbal? Por quê?
- d) Agora, conclua: Qual a função dos verbos nesse texto?

Questão 6: Como vimos, determinados verbos trechos e expressões são frequentes em textos memorialistas, por serem capazes de marcar o tempo das ações. Considere as frases abaixo para responder o que se pede:

- I. “Isso aconteceu há tantos anos [...]”
 - II. “Chegava a me arrepiar.”
 - III. “[...] eu visualizava a hiena andando mansamente nas pontas de uns dedos longos...”
 - IV. “Quanto a mim, como já disse, comparei-o à risonha e asquerosa hiena [...], lembrança que guardei da minha fantasia de criança”.
- a) Em quais dessas frases os verbos destacados indicam ações iniciadas e totalmente concluídas no passado? Qual é o nome desse tempo verbal?
 - b) Em quais delas há a expressão de fatos que eram habituais no passado? Qual o nome desse tempo verbal?

Questão 7: Observe o emprego das locuções adverbiais destacadas nestes trechos.

“Ao contar aos filhos a história de Hiena, mamãe não abria mão de mencionar o título da criança, tia. Um dia lhe perguntei: [...]”.

“Nos dias de hoje, o falado chupa-cabra que andou ocupando manchetes dos jornais [...] faz-me pensar na hiena”.

- a) Que função elas têm nesses trechos?
- b) As expressões ‘um dia’ e ‘nos dias de hoje’ indicam com precisão o momento em que os fatos ocorreram ou ocorrem?

Fonte: Delmanto e Carvalho (2012, p.20).

Importante: Caso não haja tempo suficiente para terminar os exercícios na sala, recomendamos que os alunos sejam orientados a terminá-los em casa.

Professor(a), atente-se para a função dos verbos e o uso dos tempos do pretérito ao longo da correção conjunta dos exercícios propostos.

4º momento – Fechamento da aula:

– Síntese do conteúdo explanado.

– Comentário sobre os procedimentos para a próxima aula: sugerimos que seja realizada uma entrevista com algum parente mais velho, com o objetivo de descobrir como era a vida dessa pessoa na infância e quais os momentos mais marcantes. Essa entrevista deve ser gravada em vídeo ou ser transcrita no caderno. É importante ressaltar que a entrevista servirá de base para a produção do texto final.

Produção final e desdobramentos da sequência (2 aulas)

Professor(a), para esta quarta etapa, após ter aprofundado o estudo do gênero nos módulos anteriores, sugerimos que seja feita a proposta de produção final. Os alunos poderão ser levados para o laboratório de informática, a fim de acessarem os vídeos com as entrevistas que realizaram com seus parentes mais velhos. Esses vídeos também poderão ser acessados do celular dos estudantes, se for o caso. Se a escola não possuir o recurso do laboratório ou se os estudantes não possuírem celulares, as entrevistas poderão ser trazidas transcritas.

MÓDULO 4

1º momento - Introdução:

– Apresentação inicial.

– Retomada de aspectos discutidos em aulas anteriores a respeito do gênero memórias (finalizar a correção dos exercícios do módulo III, se for o caso).

2º momento – Desenvolvimento:

– Entregar para os alunos colarem em seus cadernos o quadro-resumo explicativo das características do gênero memórias literárias, a seguir:

Para lembrar

Memórias literárias

Intenção → reviver uma época passada por meio de uma narrativa de experiências pessoais, recriando-a sob um ponto de vista poético, literário

Escrito na primeira pessoa

Organização

Linguagem

o autor das memórias é **narrador** e **personagem** ao mesmo tempo

não há preocupação em seguir rigidamente a ordem cronológica dos fatos

presença de trechos descritivos

uso frequente de adjetivos

emprego de advérbios e locuções adverbiais de tempo

predomínio de verbos no passado



Fonte: Delmanto e Carvalho (2012, p.20).

– Professor(a), faça comentários sobre os aspectos gerais do quadro.

– Sugerimos a exibição do vídeo “Chão Varrido”⁶, referente ao texto de memórias literárias, escrito por Eduarda Moura Pinheiro, finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa.

Importante: professor(a), é relevante destacar que o vídeo apresenta o texto vencedor da 3ª Olimpíada de Língua Portuguesa. A aluna rememora um tempo em que morava numa casinha de tábua, narra a vida nesse lugar, as noites de lua cheia, os segredos e brincadeiras infantis, as idas à igreja e uma enchente que levou tudo que a família tinha. São memórias, marcas do passado de uma menina que cresceu e se mudou para uma cidade grande.

⁶ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=heRI4yrT2kE> (Chão..., 2012).

Professor(a), sugerimos que você comente os aspectos gerais do vídeo, buscando identificar exemplos das características estudadas presentes no trecho relatado no vídeo.

3º momento – Prática:

– Agora, os alunos terão acesso às informações das entrevistas e procederão ao início da produção final.

– Professor(a), é importante que explique que o objetivo de se produzir esses textos é de que eles façam parte de um livro de memórias, a ser publicado no final do ano.

Muito provavelmente os estudantes não terminarão o texto a tempo, mas a ideia é que eles comecem na sala de aula, sob a sua supervisão e orientação, e terminem a produção dos textos em casa.

4º momento – Fechamento da aula:

– Recolher os textos prontos, se houver;

– Falar a respeito de outro desdobramento da proposta: a realização de um Museu de Memórias, num projeto interdisciplinar entre a Língua Portuguesa, a História e a Arte. Neste Museu, será feito um varal com os textos finais dos estudantes, que deverão trazer de casa objetos antigos que tiveram alguma relevância para a família deles. Os objetos serão expostos em forma de museu, onde os estudantes deverão estar presentes para realizar o relato oral das memórias relativas àqueles objetos expostos.

– Despedir-se dos estudantes.

Professor(a), após a entrega dos textos prontos, sugerimos que seja feita a correção e avaliação deles e que seja solicitado aos estudantes que corrijam os desvios apontados quantas vezes forem necessárias, a fim de aprimorar o texto para se chegar à versão final.

Avaliação

Sugerimos que a avaliação seja realizada durante as aulas, com caráter processual, observando se os estudantes demonstram interesse e participam com vontade das atividades. Também deverá haver a avaliação das produções inicial e final. A avaliação da produção inicial tem caráter formativo e visa à identificação de prioridades a serem abordadas com os estudantes. Já em relação à avaliação da produção final, esta tem um caráter mais somativo, a fim de observar as aprendizagens efetuadas de fato e planejar a continuação do trabalho, permitindo eventuais retornos a pontos mal assimilados, se for o caso.

A Charge

Cléverson Alves Silva
Maria Hellen Brandão

Modalidade de ensino: Fundamental II

Ano: 9º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Identificar aspectos e características do gênero charge.
- Atestar a importância das informações não verbais para a compreensão do texto.
- Perceber o efeito de sentido humorístico e crítico da charge.
- Ler e analisar as charges selecionadas.

- **Duração das atividades (h/a):** 6 aulas de 50 minutos (se possível, aulas geminadas)

- **Conhecimentos prévios:**

- Conhecimento das particularidades da linguagem verbal e não verbal.
- Noção de texto e contexto.
- Habilidades de identificar informações implícitas no texto.
- Conhecimento dos gêneros caricatura e o gênero oral debate regrado.
- Ferramentas de produção e edição de vídeos.

- **Estratégias e recursos utilizados**

- Leitura e análise de charges.
- Debates.
- Produção textual.
- Elaboração de vídeo.
- Vários exemplares de jornais, aparelho de projeção – *Datashow*, caixinhas de som, lousa e pinceis, folhas de papel A4, cópias coloridas de charges, computadores.

Aula 1

Professor(a), sugerimos que sejam levados, para a sala de aula, exemplares de jornais, para que os alunos os manuseiem e encontrem charges. Essa atividade demandará do aluno seu conhecimento prévio sobre o que, para ele, seja uma charge. É muito importante que o aluno tenha acesso ao gênero em seu *locus*. Em seguida, é importante que conduza os alunos a formularem hipóteses a respeito do gênero em questão. Apresentamos algumas sugestões de perguntas que podem ser feitas oralmente para os alunos.

- 1) Em que seção do jornal as charges são encontradas?
- 2) Quais são os elementos que compõem a charge?
- 3) Esses elementos são recorrentes?
- 4) As charges são destinadas a que tipo de leitor?
- 5) Com qual propósito uma charge é produzida?
- 6) Na opinião de vocês, a charge se assemelha a outro gênero? Qual?
- 7) Tentem apontar algumas diferenças entre esse gênero e a charge?

Ao término da primeira atividade, sugerimos que apresente aos alunos, por meio do *datashow*, o texto que virá em seguida.

Texto 1



Fonte: Copa... (2011).

Os alunos, após a leitura do texto, poderão apontar características composicionais do texto que o confirmam como sendo uma charge. Na sequência, por meio da leitura, sugerimos levar os alunos a perceberem os efeitos de sentido que são construídos no texto. Para isso, sugerimos que o professor faça perguntas relacionadas às implicações ideológicas: Por que o Prêmio Nobel de Medicina e não outro prêmio? O que representa a teia de aranha na prateleira desse prêmio? No calendário de 2014, sobre a mesa, aparecem apenas os meses de junho e de outubro, por quê? Qual é o local onde parece ser realizada a cena apresentada no texto?

Professor(a), aproveite para explorar também informações verbais e não verbais do texto, tais como: significado de possíveis palavras desconhecidas, possíveis ambiguidades verbais usadas propositalmente pelo criador da charge. Já em relação à linguagem não verbal, tente fazer com que os alunos associem a(s) imagem(ens) a elementos verbais com os quais dialogam. Retome questões tais como: a que público esse gênero se destina, bem como o suporte em que ele pode e costuma ser veiculado, além do jornal.

Professor(a), após essa atividade, é interessante que você questione os alunos sobre quais os pontos positivos e negativos da realização da Copa do Mundo no Brasil. Ele poderá desenhar na lousa dois quadros, como no exemplo a seguir e solicite que os alunos, um de cada vez, escrevam no quadro suas opiniões.

Quadro 1: pontos negativos e positivos da realização da
Copa do Mundo no Brasil

Copa 2014 no Brasil	
Pontos Positivos	Pontos Negativos

Professor(a), com o quadro preenchido, sugerimos que a aula seja encerrada com um debate regrado.

Na aula seguinte, as análises poderão prosseguir por meio dos seguintes questionamentos acerca da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil.

- Quais as vantagens e desvantagens da realização desse evento para o nosso país?
- Quais foram os gastos do Brasil com a realização desse evento?
- Há em nosso país outras prioridades mais importantes do que a realização desse evento? Quais seriam as prioridades?
- Os gastos com a realização da Copa afetaram a população? Em quê? Por quê?

Para finalizar esta aula, sugerimos que seja apresentada, novamente por meio do *datashow*, a charge animada *Cotidiano - A*

copa do povo (4), de autoria de Maurício Ricardo⁷, com o intuito de mostrar para os alunos que, além da charge estática, existe também a charge animada. A referida charge aborda o tema da Copa do Mundo de 2014, apresentando a opinião do autor a respeito desse assunto. Essa charge pode ser interessante para que os alunos percebam a opinião do chargista.

Aula 2

- **Produção Inicial**

Professor(a), primeiramente, organize a turma em seis grupos. Em seguida, proponha a criação de uma charge para cada um dos grupos. Solicite, também, aos grupos que abordem o tema “A Copa de 2014”, procurando criar o texto a partir dos conhecimentos prévios que os integrantes do grupo possuem a respeito do tema proposto.

Obs: Sugerimos que esta atividade seja desenvolvida em aproximadamente 30 minutos.

MÓDULO 1

Professor(a), após a produção inicial, ainda com os alunos em grupos e com as charges produzidas em mãos, a ideia é que você elenque, na lousa, por meio de uma interação aluno/aluno/professor/, as características composicionais do gênero charge.

Sugestões de complementações e curiosidades às falas dos alunos:

- Charge é uma ilustração humorística que envolve sempre a caricatura de um ou mais personagens.

⁷ Cf. <https://charges.uol.com.br/2014/06/10/cotidiano-a-copa-do-povo-4/> (Cotidiano..., 2014).

- A charge é feita com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade;
- O termo charge tem origem no francês “*charge*” que significa “carga”.
- A primeira charge publicada no Brasil foi no ano de 1837 e tinha como título “A campanha e o Cujo”. Foi criada por Manuel José de Araújo Porto Alegre, que além das funções exercidas na política e no ensino, era também pintor e caricaturista.
- As charges são muito utilizadas para fazer críticas de natureza política, econômica e social.
São normalmente publicadas em jornais ou revistas impressas ou virtuais e conseguem atingir um vasto público.
- Para interpretar uma charge, é necessário estar a par dos acontecimentos políticos, econômicos e sociais nacionais e internacionais.
- Para a leitura da charge, é muito importante observar a atuação conjunta dos recursos verbais e não verbais na construção de sentidos.

MÓDULO 2

Aula 3

Professor(a), nesta aula, sugerimos que entregue a cada um dos grupos, formados na aula anterior, uma das charges abaixo – impressas coloridas – juntamente com um roteiro escrito, do qual constam as sugestões de questões que servirão como direcionamento para as respectivas análises. Enquanto a atividade é desenvolvida, a sugestão é que você avalie os textos iniciais produzidos pelos grupos para detectar, com maior propriedade, se existem lacunas de conhecimento acerca da criação desse gênero.



Fonte: Férias... (2014).



Fonte: Não... (2014).



Fonte: 2014 está... (2013).



Fonte: Charges... (2011).



Fonte: Copa... (2012).



Fonte: Charges... (2012).

Roteiro para análise escrita do gênero charge:

Professor(a), os alunos poderão escolher uma charge para fazerem a análise, considerando as seguintes questões:

- a) Qual a temática da charge escolhida e quais os conhecimentos prévios necessários para compreendê-la?
- b) Qual a importância das ilustrações para a compreensão das charges?
- c) Qual a importância da linguagem verbal nas charges?
- d) Qual foi a situação contextual que motivou a criação dessa charge?
- e) Qual foi o objetivo do chargista ao criar a charge escolhida?
- f) Você considera a charge um gênero de qual esfera social? Justifique sua resposta.
- g) Qual a crítica apresentada na charge escolhida?

MÓDULO 3

Aula 4

Professor(a), os alunos produzirão um vídeo⁸, usando ferramentas de produção e edição de vídeos, como o *Movie Maker*, de modo a apresentar a charge analisada e explicar os efeitos de sentido dela a partir da conjugação dos modos verbal e não verbal⁹, apresentando criticamente o posicionamento do grupo acerca da charge, o contexto-histórico social e as questões ideológicas.

Importante: professor(a), peça para que os alunos tentem reconhecer os efeitos de ironia ou humor causados por expressões diferenciadas (que podem ou não estar assinaladas), utilizadas no texto pelo autor ou, ainda, pelo uso de pontuação.

⁸ Caso a escola não tenha laboratório de informática, é importante pedir para que cada grupo leve um *notebook* para a elaboração do vídeo ou peça que os alunos produzam o vídeo em casa. Dessa forma, a aula 4 passa a ser realizada fora do espaço da escola.

⁹ Essa expressão corresponde à linguagem verbal e não-verbal.

MÓDULO 4

Aula 5

Professor(a), a ideia é que reproduza os vídeos no telão da sala de aula, para que todos possam dar contribuições para as análises feitas, considerando a aprendizagem acerca do gênero charge, os conhecimentos de mundo e as experiências vividas. Os debatedores da charge terão oportunidade de questionar se os colegas expectadores concordam com a leitura feita. Caso discordem, deverão comentar a leitura feita da charge apresentada. Todos os participantes da dinâmica poderão julgar se há necessidade de refazer ou reeditar o vídeo. Após a conclusão dessa atividade, os vídeos deverão ter circulação social, podendo ser postados no *blog* da turma ou no *site* da escola.

Professor(a): seria interessante fazer uma enquete no *blog* ou no *site*, para que os alunos pudessem escolher o melhor vídeo e justificar suas escolhas. Para motivar a participação de todos, viabilize um prêmio para o grupo que produzir o melhor vídeo.

Aula 6

- **A produção final**

Professor(a), nesta etapa, por meio da produção individual de uma charge, o aluno poderá colocar em prática os conhecimentos adquiridos com o estudo sobre esse gênero. Será possível, então, avaliar, de fato, os avanços alcançados pelos alunos, individualmente, pois provavelmente eles farão uso dos elementos relativos ao gênero charge estudados na sala. Para isso, será dada a eles a oportunidade de criar uma charge, com tema livre, conforme instruções abaixo:

Crie uma charge, com um tema livre, utilizando todos os elementos, estudados na sala, exigidos para a constituição desse gênero.

Professor(a), sugira aos alunos que produzam a charge usando os recursos do *Toondoo* (2012), disponível no site <http://www.toondoo.com/> que oferece ferramentas para a criação dos gêneros charge, HQ, tirinhas e cartoons.

- **Avaliação**

Professor(a), lembramos que a avaliação de todo o processo deve acontecer de forma progressiva e contextualizada. Para isso: i) observe as atividades relativas a determinado conteúdo trabalhado; ii) avalie o desenvolvimento e a participação de cada aluno dentro do seu respectivo grupo de trabalho; iii) considere aspectos sociais, tais como cooperação, respeito, generosidade, disponibilidade, vontade de agregar, por exemplo.

Verifique, ainda, se os objetivos propostos foram alcançados, questionando oralmente os próprios alunos sobre o que aprenderam nas aulas. Alertamos, entretanto, para o fato de que são os textos produzidos pelos alunos que servirão, verdadeiramente, como importante diagnóstico a partir do qual se possam definir os próximos passos de suas aulas. É por meio da qualidade da argumentação construída pelos alunos - oral ou escrita - que eles demonstrarão se incorporaram as informações trabalhadas e conseqüentemente se chegaram à aprendizagem pretendida.

Professor(a), acreditamos que, agindo dessa forma, é possível saber se algo precisa ser revisto ou se é necessário buscar elementos novos para sistematizar determinado conteúdo com o intuito de levar os alunos a problematizar, ampliar e sistematizar as mais variadas leituras e usos sociais da linguagem oral e escrita.

O Epitáfio

Fablinne Marani Pereira Silva

Sandra Helena Borges

Modalidade de Ensino: Fundamental II

Ano: 6º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Compreender que o gênero discursivo epitáfio ao ser assimilado por outros gêneros discursivos desestabiliza sua realidade apresentada.
- Explorar os efeitos de sentido produzidos pela desestabilização das realidades apresentadas pelos epitáfios assimilados por outros gêneros.
- Estabelecer a conexão entre os textos e o contexto enquanto condições de significação e interpretação.
- Trabalhar a escrita e a oralidade associadas à leitura dos textos propostos nas atividades.

• **Duração das atividades (h/a):** nove aulas de 50 minutos

• **Conhecimentos Prévios:**

- Leitura e escrita de textos com finalidades diversas.

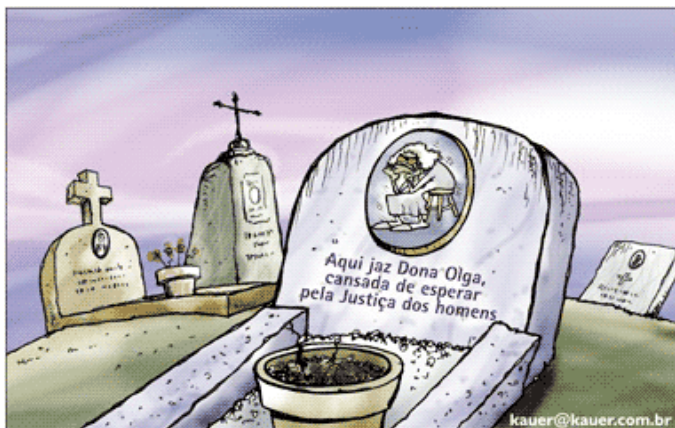
• **Recursos das aulas**

- Projetor de imagens e *notebook*.
- Cópias dos textos (somente alguns deles).
- Dicionários.

MÓDULO 1

Aula 1

Começar a aula mostrando no *datashow*, a imagem abaixo:



Fonte: Vivendo... (2010).

Professor(a), sugerimos que as linguagens verbal e não verbal do texto sejam exploradas. Verifique se os estudantes sabem que gênero é esse (epitáfio). Em seguida, pergunte se os alunos conhecem a palavra “jaz” e se sabem seu significado. Caso os alunos conheçam e saibam (ou pensem que sabem) o significado da palavra, anote tudo o que foi dito no quadro. Em seguida, ofereça o dicionário para que os alunos confirmem as hipóteses ou refute-as.

De posse do significado da palavra, peça que os alunos escrevam um epitáfio usando o dêitico espacial “aqui jaz”. Não se esqueça de que esses textos precisam ser arquivados, pois serão utilizados no final da sequência.

Professor(a), para o próximo módulo, peça que os alunos pesquisem na internet epitáfios de pessoas famosas que tenham esse dêitico. É importante informar aos alunos que alguns famosos deixam seu epitáfio escrito para ser colocado no túmulo.

MÓDULO 2

Aula 2

Professor(a), em círculo, sugerimos que cada aluno¹⁰ leia o epitáfio pesquisado e informe para quem ele foi escrito. Sugira também que seja feito um mural com os epitáfios para ser colocado no pátio da escola.

MÓDULO 3

Aula 3

Professor(a), informe aos alunos que eles lerão um poema intitulado “Cemitério” e, que, em seguida, farão o levantamento de hipóteses por meio do título. Depois, projete a imagem do poema e faça a primeira leitura do texto, cuidando do ritmo e da entonação. Distribua as cópias do poema para serem coladas nos cadernos e peça para que os alunos façam a leitura silenciosa. Em seguida, proceda à leitura coletiva e individual voluntária.

Cemitério

- | | |
|------------------------|------------------------|
| 1. | 2. |
| Aqui jaz um leão | Aqui jaz uma pulga |
| chamado Augusto. | chamada Cida. |
| Deu um urro tão forte, | Desgostosa da vida, |
| mas um urro tão forte, | tomou inseticida: |
| que morreu de susto. | Era uma pulga suiCida. |

¹⁰ Sugerimos que o professor também pesquise e leia um epitáfio para os alunos.

3.
Aqui jaz um morcego
que morreu de amor
por outro morcego.
Desse amor arrenego:
amor cego, o de morcego!

4.
Neste túmulo vazio
jaz um bicho sem nome.
Bicho mais impróprio!
tinha tanta fome,
que comeu-se a si próprio.

Fonte: Paes (2011).

Professor(a), sugerimos que, antes de serem feitas as seguintes perguntas abertas para a turma, seja informado aos alunos que esse poema foi escrito na década de 1990, quando na produção de poemas para o público adulto, José Paulo Paes retomava o epitáfio:

- De que trata o poema? (Verificar se os alunos perceberam que o poema é um conjunto de epitáfios que, ao invés de homenagearem os defuntos, os criticam).
- Por que antes de cada estrofe tem um numeral? (Verificar se os alunos perceberam que cada estrofe representa um túmulo e que o numeral indica sua localização no cemitério).
- Quais foram os pecados ilustrados no poema? (Verificar se os alunos fazem a relação com os pecados da Bíblia, independentemente da religião).

Professor(a), convide os alunos a examinarem cada túmulo, ou seja, cada estrofe do poema, por meio de um diálogo, que pode ser conduzido também por perguntas abertas. As nomenclaturas (aliteração, rima consoante, rima grave, sufixos, entre outros), ainda não precisam ser ressaltadas, apenas o processo. Ao fazer as perguntas, atente-se para os seguintes aspectos:

1º: No primeiro túmulo, isto é, na primeira estrofe, tem-se um leão que faleceu devido a um urro. É interessante informar aos alunos que o nome do leão é uma referência a um grande poeta brasileiro, Augusto dos Anjos, cuja obra trazia temas mórbidos. Merece destaque a dimensão semântica das palavras, percebida no contraste entre um leão que se chama Augusto, mas que, a despeito de ser leão e ter um nome tão simbolicamente valorizado, morre de susto! Num trabalho bastante criativo com a linguagem, próprio das poesias de José Paulo Paes, há também, na primeira estrofe, a valorização da dimensão fônica da língua, ao empregar, por exemplo, recursos estilísticos como a *aliteração* (**urro, forte, morreu**) ou como a rima consoante e grave (**Augusto, susto**);

2º: No segundo túmulo, isto é, na segunda estrofe, há a informação de que uma pulga suicidou (deve-se verificar se os alunos entenderam o significado da palavra no próprio contexto). O poeta, habilmente, destaca do sufixo “cida”, do latim “caedero”, que significa matar. Tem-se, portanto, o referido sufixo em todos os quatro versos restantes para que a ideia de morte seja reforçada. Dessa maneira, a dimensão morfológica está representada nesta estrofe, também, quando o poeta faz do nome próprio Cida um elemento formador de outras palavras do texto, amplificando seu alcance fono-morfológico (**Cida, inseticida, suicida**);

3º: O terceiro túmulo, representado pela terceira estrofe, traz à tona a morte por um amor incontrollável. O morcego, criatura noturna, também ajuda a marcar o tom macabro, porém divertido, do poema. Tanto a dimensão fonológica quanto a morfológica reaparecem nesta estrofe, num jogo lúdico com a palavra morcego, na medida em que esse vocábulo passa a ser sistematicamente desmembrado em dois outros (amor e cego), fazendo com eles uma espécie de contraponto. Assim, além da aliteração em /r/ (**morcego, amor, morreu, por, arrengo**), temos ainda, no último verso da estrofe a relação entre a expressão amor cego que se reproduz

no vocábulo morcego, recuperando uma sutil correspondência morfológica entre os dois, além de ressaltar a oposição metafônica presente no fonema /e/ (cego, morcego);

4º: Por fim, no túmulo final, que é última estrofe, há a morte associada ao nada, uma vez que havia, na sepultura, um bicho que comeu a si mesmo. Não existe, assim, nem os ossos dessa criatura. A morte levou toda matéria e dissolveu todas as coisas. Temos de novo a dimensão semântica das palavras, já que o poeta elege agora como tema um bicho sem nome, que é qualificado como impróprio, sugerindo que este termo possa se relacionar a algo sem nome *próprio*, mas que, apesar disso, teria comido a si *próprio*.

Professor(a), a sugestão é que você informe aos alunos que há uma história na mitologia grega de um rei, chamado Erisícton, que matava as árvores e foi castigado pela deusa da agricultura, Deméter, a devorar suas próprias carnes.

Professor(a), finalmente, recomendamos que você faça a contextualização da produção do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas, as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva.

MÓDULO 4

Aula 4

Professor(a), sugira a criação coletiva de outro túmulo, ou seja, outra estrofe para o poema lido no módulo e aula anteriores. Para isso, peça aos alunos que leiam o poema “A morte de meu carneirinho”, do poeta Vinícius de Moraes. (Como na maioria das escolas há alguns exemplares do livro *Arca de Noé*, que foram enviados pelo Plano Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE), essa leitura poderá ser feita nos livros, por grupos de alunos).

A morte de meu carneirinho

Não teve flores	Cortejo lindo
Não teve velas	Maior não houve
Não teve missa	Desse amiguinho:
Caixão também...	Iam vestidas
Foi enterrado Junto à maré	Com a lâ das nuvens
Por operários	Todas as almas
Mesmos do trem...	Dos carneirinhos!
	Os gaturamos
A flor do orvalho	Trinaram hinos
Pendeu da nuvem	No altar esplêndido
E pelo chão	Da madrugada;
Despetalou...	E o vento brando
O céu ergueu	Desfeito em rimas
A hóstia do sol	
E o mar em ondas	Foi badalando
Se ajoelhou...	Pelas estradas!

Fonte: Moraes (2004).

Professor(a), após a conversa sobre o poema, que pode ser conduzida também por questões abertas dirigidas à turma, englobando a contextualização da produção do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas, as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva etc., passe as orientações do texto a ser produzido coletivamente.

Morte de quem?
De quê?
O que causou a morte?

Importante: professor(a), lembre aos alunos que a causa precisa estar relacionada a um pecado bíblico.

MÓDULO 5

Aula 5

Professor(a), projete, no *datashow*, a imagem da história em quadrinhos apresentada a seguir e informe aos alunos que há nela um epitáfio com o dêitico espacial “aqui jaz”. Solicite que os alunos comparem a finalidade desse epitáfio com a finalidade do primeiro mostrado na imagem de um túmulo no módulo 1- aula 1 (para reavivar a memória deles, essa imagem deve ser mostrada novamente).

Sugerimos que, após a leitura, sejam feitas aos alunos as seguintes perguntas:

O sentido produzido foi o mesmo?



Fonte: Escoteiros... (2014).

Professor(a), seria interessante que você mediasse uma conversa sobre o texto, também por meio de questões abertas dirigidas à turma, englobando a contextualização da produção

do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas e as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva. Instigue os alunos a perceberem o não dito, a ironia, o humor, dentre outros recursos linguísticos presentes no texto.

MÓDULO 6

Aula 6

Professor(a), neste módulo, sugira a leitura silenciosa do seguinte texto:

A confusão

Vinha passando um homem pelo cemitério e viu uma lápide escrita “Aqui jaz um advogado bom e honesto”.

O homem falou:

– Ih! Olha só, já estão começando a enterrar duas pessoas juntas.

Fonte: A confusão (2014).

Importante: professor(a), concluída a leitura silenciosa, a ideia é que você medie uma conversa sobre o texto, também por meio de questões abertas dirigidas à turma, englobando a contextualização da produção do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas e as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva.

Instigue os alunos a perceberem o não dito, a ironia, enfim, o humor da piada. Para finalizar a conversa sobre a piada, pergunte aos alunos:

Qual foi o sentido produzido pelo epitáfio nesse texto?

MÓDULO 7

Aula 7

Professor(a), sugerimos que esta aula seja iniciada, perguntando aos alunos se eles já ouviram falar em Greenpeace. Ouça o que os alunos sabem a respeito dessa organização global independentemente de quem atua para defender o ambiente e promover a paz, inspirando as pessoas a mudarem atitudes e comportamentos.

Antes de apresentar-lhes a propaganda abaixo, informe que, em 1999, o Greenpeace chegou à Amazônia para investigar a exploração ilegal de madeira. Foram identificadas áreas sob pressão de desmatamento e os responsáveis foram denunciados. Os alunos deverão saber que essa organização luta para que a produção de gado e soja, maiores vetores de devastação, parem de avançar sobre a floresta. Em 2014, voltou a tratar do tema da exploração ilegal de madeira denunciando as fraudes no sistema que controla o setor.

Professor(a), projete a imagem abaixo e sugira a sua leitura:



Fonte: Greenpeace (2015).

Professor(a), medeie uma conversa sobre o texto, também por meio de questões abertas dirigidas à turma, englobando a contextualização da produção do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas e as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva. Instigue os alunos a perceberem que, ao ser assimilado pela propaganda, o epitáfio teve sua realidade apresentada desestabilizada. Portanto, a função dele nesse texto não é homenagear o defunto e essa desestabilização compõe o sentido do texto.

MÓDULO 8

Aula 8

Professor(a), nesta aula, entregue cópias da notícia a seguir aos alunos e sugira que eles façam a leitura silenciosa. Em seguida, oriente-os a prestarem atenção ao uso do epitáfio na manchete da notícia.

Aqui jaz a primeira rede social febre

Quem não iniciou a vida virtual em redes sociais por meio do Orkut?

Ele foi a primeira rede social febre entre os brasileiros.

Conforme a Google: “De janeiro de 2004 a setembro de 2014, milhões de pessoas, espalhadas pelo mundo todo, se reuniram para discutir interesses comuns em uma vasta coleção de comunidades do Orkut”.

O arquivo com essas conexões e conversas (das comunidades/fóruns) do Orkut está no próprio site: Orkut.com.

Quem não salvou suas fotos... Não há mais acesso pelo Orkut.

Fonte: Aqui... (2014).



Professor(a), medeie uma conversa sobre o texto, também por meio de questões abertas dirigidas à turma, englobando a contextualização da produção do texto, a identificação da finalidade do texto, a percepção das relações intertextuais e interdiscursivas e as apreciações tanto de ordem política quanto estética e afetiva. Instigue os alunos a perceberem que o epitáfio foi, nesse caso, assimilado pela notícia e teve sua realidade desestabilizada. O sentido produzido por essa desestabilização deve ser construído pelos alunos, com a sua mediação.

MÓDULO 9

Aula 9

Professor(a), nesse último módulo, devolva aos alunos os epitáfios produzidos no módulo 1- aula 1 e sugira que eles produzam um outro texto, que pode ser poema, história em quadrinhos, piada, propaganda ou notícia, assimilando esses epitáfios produzidos, com a finalidade destes textos serem publicados no *blog* da sala. Deixe claro, portanto, o que será abordado, com quais objetivos e para quem se está escrevendo.

- **Avaliação e conclusão**

Professor(a), esta sequência didática representa um conjunto de atividades com a finalidade de desenvolver a fala e a escrita dos estudantes. A partir de um gênero pouco explorado, como o epitáfio, verificamos a oportunidade para dialogar com outros gêneros (poemas, história em quadrinhos, piada, propaganda e notícia) a partir de exercícios de interpretação oral e escrita. Os módulos de atividades foram pensados para estimular os alunos e diagnosticar o que eles sabem; apresentar atividades de leitura e compreensão e propor atividades de escrita e oralidade. Sabemos que os nove momentos apresentados poderão ter outras atividades complementares à medida que os alunos tragam questionamentos. Dessa forma, professor(a), o (re)planejamento do trabalho dentro dos módulos ou a criação de módulos extras é de sua responsabilidade.

A Paródia

*Cleonice de Moraes Evangelista Leão
Dalma Flávia Barros Guimarães de Souza*

Modalidade de ensino: Fundamental II

Ano: 9º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Ler paródias.
- Participar de um festival de paródias.

• **Duração das atividades (h/a):** 15 aulas de 50 min.

• **Conhecimentos prévios:**

- Habilidades de leitura e escrita.
- Conhecimentos sobre o gênero paródia.

• **Estratégias e recursos utilizados:**

- Vídeos.
- Letras de músicas.
- Atividades individuais e em grupos.

MÓDULO 1: apresentação da situação – a intertextualidade e o gênero *paródia*

Professor(a): esta etapa deve ser elaborada em duas aulas, sendo que a primeira remete a um diagnóstico e posterior ampliação do que vem a ser a intertextualidade e a segunda expõe o projeto de comunicação que será realizado no decorrer das etapas.

1ª aula

Professor(a), exiba o vídeo da música “Monte Castelo”, da banda brasileira Legião Urbana e pergunte aos alunos se eles conhecem a música e sobre qual tema a música discorre.

Pergunte se eles conhecem outros textos que falam sobre o mesmo tema também.

Leve uma bíblia para a sala de aula e peça para um aluno abrir no livro de Coríntios, capítulo 13, versículos 1 e 4 e ler para a turma. Compare com a música “Monte Castelo” e verifique se os alunos percebem que há semelhanças entre os dois textos, listando-as oralmente.

Em seguida, leia a segunda parte do soneto 11, do poeta português Luis Vaz de Camões e também estabeleça comparações, verificando as semelhanças. Verifique se algum aluno percebe que o soneto é citado na música.

Professor(a), após debate oral sobre as semelhanças entre os três textos, explique que ocorreu na música “Monte Castelo” um processo chamado **intertextualidade**. Neste momento, é importante explicar que a intertextualidade é um diálogo entre os textos e que existem vários tipos de intertextualidade. (Fazer uma breve exposição do tema intertextualidade e suas classificações mais relevantes para os alunos). Professor(a), se preferir, retire os textos desta aula em <http://intertextualizandovozes.blogspot.com.br/2013/04/intertextualidade-na-musica.html> (Intertextualidade..., 2013).

2ª aula

Professor(a), pergunte aos alunos se eles já ouviram a música “Eduardo e Mônica”, da banda Legião Urbana e se conhecem a temática da música. Após breve sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos, convide-os a assistir ao vídeo da música “Eduardo e Mônica”, criado para o anúncio publicitário da operadora de telefonia VIVO,

na ocasião do dia dos namorados. Em seguida, assistam também ao vídeo *Draw my life* – Eduardo e Mônica - versão 2013, produzido por Gui Toledo. Peça aos alunos que listem as semelhanças entre os dois vídeos. Por meio dessa listagem, que poderá ser produzida coletivamente, explique aos alunos o que é uma paródia e que ela é um recurso que pode ser utilizado na produção de textos.

Peça aos alunos que tragam para a próxima aula letras de músicas de que gostem, pois eles produzirão paródias a partir das músicas escolhidas para um FESTIVAL DE PARÓDIAS que acontecerá na escola.

Os vídeos estão disponíveis em: <http://letras.mus.br/legiao-urbana/22497/> (Eduardo..., 2015) e <http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo> (Draw..., 2013).

Somente para o professor estudar!

Acesse <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/> (Bettio, 2015)

MÓDULO 2: produção inicial

Este é um momento relevante da sequência, haja vista que os alunos farão sua primeira produção textual escrita, que revelará para eles mesmos e para o professor o que já sabem ou não sobre o gênero paródia musical. Assim, uma aula deve ser reservada para essa etapa.

3ª aula

Professor(a), faça com que os alunos escolham letras de músicas, e, em seguida, os direcione à primeira produção. Retome o conceito de paródia e peça que, individualmente, eles façam uma paródia da música selecionada. (Neste momento, motive-os para a primeira produção, volte o olhar para as músicas escolhidas e incentive aqueles que porventura ainda não tenham feito a escolha). Esta produção inicial deve ser arquivada pelo professor para posterior refacção.

MÓDULO 3: superação dos problemas diagnosticados na produção inicial

Importante: professor(a), os exercícios apresentados a seguir são apenas exemplos, pois, de acordo com a visão teórica acerca de sequência didática apresentada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a ideia é que você elabore os exercícios com base na produção inicial de seus alunos.

4ª aula

Professor(a), neste momento, faça, juntamente com os alunos, um mural no qual será afixado um resumo do que foi trabalhado em cada aula dos módulos.

5ª aula

Professor(a), nesta aula, os alunos deverão produzir respostas para a música “Pagode”, de Tião Carreiro e Pardinho (Trabalharemos no exercício apenas um trecho da música, mas se o professor preferir, não há nenhum problema em se trabalhar a música toda). Antes, vamos a alguns exemplos.

Ouvir as músicas “Fiorino”, de Gabriel Gava e “Show das poderosas”, de Anitta e suas respectivas respostas. Seguem *links* abaixo.

Fiorino: <http://www.vagalume.com.br/gabriel-gava/fiorino.html> (Gava, 2015).

Resposta: <http://www.youtube.com/watch?v=YqRFhfKbinc> (Fiorino..., 2012).

Show das poderosas: <http://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg> (Show..., 2013).

Resposta: <http://www.youtube.com/watch?v=Qz7O7pVXa>.

Sugestões de exercícios para os alunos:

Agora, dê também sua resposta a este trecho da música “Pagode”
(Tião Carreiro e Pardinho)

Morena bonita dos dente aberto
Vai no pagode o barulho é certo
Não me namore tão descoberto
Que eu casado mais não sou certo

Modelos de agora é tudo esquisito
Essas mocinhas mostrando os cambitos
Com as canelas fina que nem palmito
As moças de hoje eu não facilito

Eu mais a minha muié fizemos a combinação
Eu vou no pagode ela não vai não
Sábado passado eu fui ela ficou,
Sábado que vem ela fica e eu vou.

Fonte: Carreirinho e Carreiro (2015).

6ª aula

Professor(a), apresente a música “Papo de Jacaré” para os alunos. Introduza (ou retome, caso já tenha trabalhado) o conceito de **sentido denotativo** e **sentido conotativo**, tendo como base a música trabalhada. Apresente outras palavras e outros exemplos com esses sentidos, para que os alunos consigam diferenciá-los bem.

Os alunos deverão, a partir da música, classificar os sentidos denotativo e conotativo da palavra “jacaré” e explicar o porquê de suas respostas:

Papo de Jacaré

P.O. Box

(...)

Tô viajando na onda
Dessa menina
Que dá aula de inglês
Toma vinho português
E vive rindo

Da minha ignorância
Mas a minha tolerância
Vai fundir a sua cuca...

Vou te bater uma real
Vou dizer que sou o tal
Bater um papo no café
É papo de jacaré
Mas vê se fala por favor
A minha língua
Que já tem até uma íngua
Por causa do seu inglês
Tchau! Tchau! Tchau! Tchau!...

Eu não sei falar
Também não sei entender
Sou só só só suburbano
Sou latino-americano...

Sei quem é fulano
Mas não sei quem é cicrano
E o seu inglês
Fica pegando no meu pé...

Vou te bater uma real
Vou dizer que sou o tal
Bater um papo no café
É papo de jacaré
Mas vê se fala por favor
A minha língua
Que já tem até uma íngua
Por causa do seu inglês

Fonte: Santos e Rivaniil (2015).

Cada aluno deve pesquisar outras músicas com sentidos conotativo e denotativo com as palavras apresentadas a seguir e, depois, deverão lê-las para os colegas.

- a) Sol
- b) Leão
- c) Boi

7ª aula

Professor(a), considere que figuras de linguagem são recursos usados na fala ou na escrita para ficar mais expressivo o que se quer transmitir. Quando conseguimos identificá-las no texto, conseguimos compreendê-lo melhor. (É hora de apresentar as figuras de linguagem aos alunos no que se refere à classificação). Assim, apresente a letra da música a seguir para os alunos e peça que eles identifiquem e classifiquem algumas figuras de linguagem nela presentes.

Pra Sempre Minha Vida

Grupo Tradição

(2x)

Pra te adorar assim com tanta loucura,
Eu te darei todo amor que tem na terra

(2x)

Te presentear com um beijo sob a lua,
Apaixonado como o céu e as estrelas

E te darei todas as noites meus versos sinceros

A minha alegria

Serei seu poeta, amor você será,

A minha poesia

(refrão 2x)

Quero que seja pra sempre, minha vida
Eu quero te dar todo o amor que tem na terra.

(2x)

Eu vou te amar todo dia em qualquer canto
Você é a flor, o meu sonho mais bonito

(2x)

Vou te roubar em segredo uma noite
Juntos iremos até o infinito

Te quero a todo instante
Não me importa vou te amar
Até o fim do dia
Você é minha vida,
Meu amor
Minha princesa
É tudo o que eu queria

E te darei todas as noites meus versos sinceros
A minha alegria
Serei seu poeta amor você será
A minha poesia
(refrão)

Fonte: Coelho et al. (2015).

Professor(a), peça para que os alunos leiam toda a música e façam a interpretação oral dela. Depois, peça para que formem outras frases com as figuras de linguagem encontradas na música e as registrem no caderno.

8ª aula

Professor(a), sugerimos que divida a turma em grupos e entregue a letra da música “Franguinho na panela” para um grupo e a paródia para outro grupo. Faça comparações entre as duas letras de música e veja se os alunos perceberam em qual música a ironia está presente. Retome a figura de linguagem – ironia –, esclarecendo que ela é muito importante para a composição de uma paródia. Peça para que os alunos façam registros no caderno sobre

ironia, retirando exemplos da paródia “Não tem nada na panela”. Se os grupos quiserem apresentar as músicas na sala, é uma ótima oportunidade de treiná-los para o festival de paródias.

Franguinho na Panela

Lourenço e Lourival

No recanto onde moro é uma linda passarela
O carijó canta cedo, bem pertinho da janela
Eu levanto quando bate o sininho da capela
E lá vou eu pro roçado, tenho Deus de sentinela
Têm dia que meu almoço, é um pão com mortadela
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Eu tenho um burrinho preto bão de arado e bão de sela
Pro leitinho das crianças, a vaquinha Cinderela
Galinhada no terreiro, papagaio tagarela
Eu ando de qualquer jeito, de butina ou de com chinela
Se na roça a fome aperta, vou apertando a fivela
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Quando eu fico sem serviço a tristeza me atropela
Eu pego uns bico pra fora, deixo cedo a corrutela
Eu levo meu viradinho é um fundinho de tigela
É só farinha com ovo, mas da gema bem amarela
É esse o meu almoço, que desce seco na goela
Mais lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Minha mulher é um doce diz que sou o doce dela
Ela faz tudo pra mim, e tudo que eu faço é pra ela

Não vestimos lã nem linho é no algodão e na flanela
É assim a nossa vida, que levamos na cautela
Se eu morrer Deus dá um jeito, mais a vida é muito bela
Não vai faltar no ranchinho pra mulher e os filhinhos
O franguinho na panela.

Não tem nada na panela¹¹

No barraco onde eu moro é uma linda passarela
O bandido atira cedo, bem pertinho da janela
Eu levanto quando bate o sininho da capela
E lá vou eu pro trabalho, só tenho Deus de sentinela
Têm dia que meu almoço é um pão sem mortadela
Mais lá no meu barraco a mulher e os filhinhos
Não tem nada na panela

Eu tenho um burrinho genro bão de amasso e bão de briga
Pro leitinho das crianças, eu tenho a bolsa família
Políticos no roteiro, papagaios tagarelas
Eu ando de qualquer jeito, de butina ou sem chinela
Se no morro a fome aperta, vou apertando a fivela
E lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Não tem nada na panela

Quando eu fico sem almoço a moleza me atropela
Eu pego uns bico pra fora, chega cedo a preguiça
Eu levo meu viradinho, é um fundinho de tigela
É só farinha de milho, mas ela está bem amarela
É esse o meu almoço, que desce seco na goela
Mas lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Não tem nada na panela

¹¹ Paródia composta pela professora e aluna do Mestrado Profissional em Letras – ProFLetras, Dalma Flávia Barros Guimarães de Souza, especificamente, para esta sequência didática.

Minha mulher é um doce, diz que sou o limão dela
Ela faz tudo pra mim, e eu não faço nada pra ela
Não vestimos lã nem linho é no algodão e na flanela
É assim a nossa vida, que levamos na canela
Se eu morrer Deus dá um jeito, de arrumar outro casamento pra ela
Não vai faltar no barraco pra mulher e os filhinhos
O tão sonhado franguinho na panela.

Fonte: Santos e Paraíso (2015).

9ª aula

Professor(a), sugerimos que retome o que foi trabalhado no decorrer das oficinas, por meio da leitura e revisão do mural. Divida a sala em grupos com até cinco integrantes. (Fica a critério do professor a divisão dos grupos, se por sorteio e/ou afinidades). Em grupo, os alunos deverão expor aos colegas as letras de música que trouxeram de casa e de que provavelmente mais gostam. Peça aos alunos para escolherem, dentre todas as músicas expostas, aquela que agradou à maioria do grupo, para que produzam uma paródia com o tema “Adolescência e a Escola”.

MÓDULO 4: produção final

10ª aula - Avaliação da produção inicial.

Professor(a), a partir dos tópicos elencados no mural e com o seu direcionamento, os alunos avaliarão sua produção inicial, anteriormente arquivada, observando quais aspectos podem ser mantidos e quais devem ser alterados.

11ª aula - Produção individual.

Professor(a), neste momento, a ideia é que o aluno reescreva sua paródia inicial, individualmente, colocando em prática o que planejou na aula anterior, de acordo com os objetivos propostos. Reorganizando,

assim, sua paródia. Ademais, os alunos deverão ficar atentos à linguagem utilizada: se conotativa e/ou denotativa, à coerência e à coesão, às rimas e sonoridade, às figuras de linguagem e à pertinência ao tema escolhido. Estes critérios serão avaliados no momento da escolha das melhores paródias para o FESTIVAL DE PARÓDIAS.

12ª aula

Professor(a), socialize com os colegas todas as paródias e escolha as que mais bem seguiram os critérios propostos na hora da produção. Não se esqueça de que a criatividade também tem um peso importante no momento da escolha.

13ª aula - Aprimoramento dos textos escolhidos.

Professor(a), em grupos, os alunos deverão ler novamente as paródias, identificar e selecionar, juntamente com o professor, quais erros serão corrigidos e reescrevê-las, com as devidas correções.

14ª aula - Momento dos ensaios.

Professor(a), neste dia, seria bom levar os alunos para outro lugar, por exemplo, o pátio da escola ou o salão de apresentações. O importante é que eles fiquem à vontade para os ensaios. (adaptação da aula de acordo com a realidade da escola). Neste dia também, alguns grupos de alunos poderão produzir vídeos para apresentação das paródias e outros, que não gostarem de cantar, poderão, por exemplo, ficar com a decoração do salão para o festival.

15ª aula - O grande dia chegou!

Professor(a), convide toda a comunidade escolar para assistir ao grande evento. O importante é que os alunos se sintam felizes em apresentar suas paródias. E com vocês, FESTIVAL DE PARÓDIAS...

O Artigo de Opinião

Caroline Schwarzbold

Modalidade de ensino: Fundamental II

Ano: 9º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Ler e identificar artigos de opinião.
- Conhecer e reconhecer as características do gênero artigo de opinião.
- Produzir um artigo de opinião.

- **Duração das atividades:** 16 aulas de 50 min.

- **Conhecimentos prévios:**

- Habilidades de leitura e escrita.
- Conhecimentos sobre gêneros discursivos da esfera jornalística (notícia, reportagem, editorial etc.).

- **Estratégias e recursos utilizados:**

- Utilização de artigos de opinião veiculados na internet.
- Manuseio de jornais e revistas de circulação local e nacional.
- Atividades realizadas individualmente e em grupo.
- Utilização do laboratório de informática.
- Utilização de TV e aparelho de DVD.

MÓDULO 1: Apresentação da situação e contato com o gênero Artigo de Opinião

Atividade 1 (3h/a)

Professor(a), sugerimos que apresente os seguintes textos, para que os alunos (re)conheçam o gênero artigo de opinião. Para tanto, realize, primeiramente, uma leitura individual, silenciosa e por partes desses quatro textos. Entre cada leitura, ouça os comentários dos alunos e anote em um quadro feito na lousa as informações dadas pelos alunos.

Quadro 2: aspectos do artigo de opinião

Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4
Finalidade	Tema	Ponto de vista	Argumentos

Durante a leitura do primeiro texto (texto 1), sugerimos que os alunos sejam conduzidos a identificarem qual a finalidade do texto. Ao lerem o segundo texto (texto 2), os alunos devem identificar a finalidade com que o texto foi escrito. Para a leitura do terceiro texto (texto 3), os alunos devem se atentar para a opinião exposta. Já no quarto e último texto (texto 4), os estudantes devem observar a presença dos argumentos utilizados para justificar a opinião apresentada.

O objetivo desta atividade é ajudar os alunos a identificarem as características presentes em textos do gênero artigo de opinião, diferenciando-os de um editorial ou de uma notícia, por exemplo.

TEXTO 1

OPINIÃO

Redução da maioridade penal, grande falácia

O advogado criminalista Dalio Zippin Filho explica por que é contrário à mudança na maioridade penal.

Diuturnamente o Brasil é abalado com a notícia de que um crime bárbaro foi praticado por um adolescente, penalmente irresponsável nos termos do que dispõe os artigos 27 do CP, 104 do ECA e 228 da CF. A sociedade clama por maior segurança. Pede pela redução da maioridade penal, mas logo descobrirá que a criminalidade continuará a existir, e haverá mais discussão, para reduzir para 14 ou 12 anos. Analisando a legislação de 57 países, constatou-se que apenas 17% adotam idade menor de 18 anos como definição legal de adulto.

Se aceitarmos punir os adolescentes da mesma forma como fazemos com os adultos, estamos admitindo que eles devem pagar pela ineficácia do Estado, que não cumpriu a lei e não lhes deu a proteção constitucional que é seu direito. A prisão é hipócrita, afirmando que retira o indivíduo infrator da sociedade com a intenção de ressocializá-lo, segregando-o, para depois reintegrá-lo. Com a redução da menoridade penal, o nosso sistema penitenciário entrará em colapso.

85% dos menores em conflito com a lei praticam delitos contra o patrimônio ou por atuarem no tráfico de drogas, e somente 15% estão internados por atentarem contra a vida. Afirmar que os adolescentes não são punidos ou responsabilizados é permitir que a mentira, tantas vezes dita, transforme-se em verdade, pois não é o ECA que provoca

a impunidade, mas a falta de ação do Estado. Ao contrário do que muitos pensam, hoje em dia os adolescentes infratores são punidos com muito mais rigor do que os adultos.

Apresentar propostas legislativas visando à redução da menoridade penal com a modificação do disposto no artigo 228 da Constituição Federal constitui uma grande falácia, pois o artigo 60, § 4º, inciso IV de nossa Carta Magna não admite que sejam objeto de deliberação de emenda à Constituição os direitos e garantias individuais, pois se trata de cláusula pétrea.

A prevenção à criminalidade está diretamente associada à existência de políticas sociais básicas e não à repressão, pois não é a severidade da pena que previne a criminalidade, mas sim a certeza de sua aplicação e sua capacidade de inclusão social.

Dalio Zippin Filho é advogado criminalista.

Fonte: Zippin Filho (2013).

TEXTO 2

DEBATE

Impunidade estatutária

Que a impunidade grassa pelo Brasil não é nenhuma novidade, embora aparentemente alguns ditos “especialistas” cismem em esquecer que mais de 90% dos homicídios nem sequer são esclarecidos. Portanto, é impossível afirmar, por exemplo, que a maioria dos homicídios são cometidos por motivos fúteis, como tão comumente se lê.

Tal nível de impunidade, sem dúvida, é o grande combustível da crescente criminalidade que precisa ser combatida com

uma polícia investigativa bem equipada, bem treinada e bem remunerada. Apoiada por um Judiciário mais rápido e uma legislação em que a punição seja regra e não exceção. Agora, impunidade por inação ou por ausência de ferramentas é uma coisa; impunidade oficial, essa, sim, é gravíssima. Esse é o caso do Estatuto da Criança e do Adolescente – sabiamente chamado de ECA –, o maior exemplo desse tipo perverso de legislação.

Uma lei que deveria servir para a proteção de menores de idade, no fim das contas, só serve para proteger da própria lei os chamados menores infratores, que na prática não passam nem perto daquela visão romântica dos filmes de Chaplin, em que uma pobre criança rouba uma fruta de uma banca para se alimentar. Estamos falando de criminosos contumazes, chefes de quadrilhas, traficantes de drogas, assaltantes e assassinos.

Jamais compreenderei a visão daqueles que acreditam que um “de menor” com 17 anos e 364 dias que sarcasticamente coloca fogo em sua vítima, estupra e tortura mulheres, ou assassina até mesmo crianças de colo não possui idade para pagar pelos seus crimes e ser retirado do convívio da sociedade que aterroriza, e que o mesmo não pode ser preso “como adulto”, pois “ele irá para a escola do crime”. Escola do crime? Nessa “escola” muitos já são “professores”, e de uma forma ou de outra já convivem com outros “professores” em suas comunidades!

A sociedade vai se tornando refém não só dos criminosos, mas das próprias leis que os protegem e que não passam nem perto do combate real à criminalidade. Estatuto da Criança, Estatuto do Desarmamento, Estatutos disso e daquilo... Façam logo de uma vez o Estatuto do Criminoso e os humanistas que comemorem a Impunidade Estatutária!

Bene Barbosa é especialista em segurança pública e presidente da ONG Movimento Viva Brasil.

Fonte: Barbosa (2013).

TEXTO 3

DEBATE

A redução da maioridade penal é uma ilusão no enfrentamento da violência juvenil

Recentemente, crimes violentos cometidos por adolescentes reacenderam o debate sobre a maioridade penal no Brasil. Proponho fazer aqui uma breve reflexão sobre a redução da maioridade penal como uma possível resposta à criminalidade juvenil, partindo do pressuposto de que essa redução deve atingir as causas dessa criminalidade se realmente pretende diminuí-la.

Mas o que caracteriza a criminalidade que envolve adolescentes?

Se olharmos, por exemplo, os motivos pelos quais os adolescentes foram internados na Fundação Casa (antiga Febem de São Paulo) em 2010, descobriremos que a grande maioria (80%) foi internada por roubo (43%) e tráfico de drogas (37%). Apenas 1% do total de adolescentes internados em 2010 estava lá por homicídio. Considerando o homicídio como o indicador de violência juvenil mais ressaltado pelos defensores da redução da maioridade penal, temos que sua proposta pode resolver aproximadamente 1% da criminalidade juvenil.

Ampliando a análise dos dados para um período maior, temos que, em pesquisa feita pela própria Fundação Casa em parceria com o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP), o roubo somou os mesmos 43%, o tráfico de drogas representou somente 9%, e o homicídio totalizou 2,3% dos motivos que levavam à internação dos adolescentes entre os anos de 1990 e 2006. Essa série histórica, se comparada ao ano de 2010, indica que as internações por roubo permaneceram constantes; as motivadas pelo envolvimento com tráfico de

drogas cresceram acentuadamente e, enfim, as motivadas por homicídio diminuíram. Diante desses dados, o que parece caracterizar a criminalidade juvenil hoje é sua cooptação para o crime organizado, principalmente o tráfico de drogas.

O que leva nossos adolescentes a serem cooptados pelo crime organizado? Por que a criminalidade parece fasciná-los? Responder a essas perguntas é aproximar-se do que, de fato, causa a criminalidade juvenil tal como ela se configura hoje. E a redução da maioridade penal, que sequer permite a formulação dessas perguntas, é uma ilusão, pois não consegue atingir as causas do problema.

Liana de Paula é socióloga, professora do Departamento de Ciências Sociais da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

Fonte: Paula (2013).

TEXTO 4

DEBATE

Uma lei contra a vida

Historicamente, as leis brasileiras não nascem de necessidades da nação, mas de modismos importados. O escritor José de Alencar (1829-1877) e o ensaísta Eduardo Prado (1860-1901) já denunciavam o bacharelismo para inglês ver, que, tentando impressionar a Europa, impunha ao país nocivas leis vanguardistas. Esse mal se agravou com as universidades. Hoje, o Brasil é uma espécie de protetorado da ONU, adotando, como leis nacionais, suas mais utópicas resoluções.

Uma delas é o Estatuto da Criança e do Adolescente, versão nacional das resoluções da ONU sobre direitos das crianças,

rechaçadas nos próprios países de origem. A Suíça, sede europeia da ONU, contraria frontalmente as recomendações do órgão ao instituir a maioria penal aos 7 anos e armar todos os seus cidadãos. Menores de 18 anos também são responsabilizados penalmente na Austrália (7 anos), Escócia (8), Inglaterra (10), Holanda (12), Canadá (12), França (13), Israel (13), Áustria (14) e Estados Unidos (10 anos ou 12 anos).

Como observa o psicólogo Steven Pinker, a natureza humana não é uma tábula rasa a ser modelada por engenheiros sociais. Um menino-prodígio do crime que estupra, mata ou queima sua vítima não será regenerado à custa de três anos de lenientes medidas socioeducativas. Pelo contrário: com a experiência de vida, a precocidade criminosa desse Mozart do mal vai se tornar ainda mais astuciosa e, conseqüentemente, mais letal.

A natureza é sábia: a força física que possibilita matar o próximo cresce junto com a consciência de que não se deve fazê-lo. A percepção da morte, segundo a psicologia, começa a se formar aos 3 anos e, aos 9 anos, já está consolidada na criança. Nessa idade, ela já tem plena consciência de que matar o próximo é errado. Por isso, a responsabilidade penal deve ser de acordo com a gravidade do crime. Só para o ECA um menor nunca é assassino: apenas comete um “ato infracional análogo a homicídio”, produzindo pessoa análoga a defunto, mesmo depois que já pode votar.

José Maria e Silva é jornalista, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com dissertação sobre violência nas escolas.

Fonte: Silva (2013).

Professor(a), após a discussão sobre a finalidade do texto, a presença de argumentos, a questão polêmica abordada e sobre a opinião do autor, leve para os alunos algumas definições de artigo de opinião, para que a turma possa formar a sua própria definição.

Definição 1

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores (Boff; Köche; Marinello, 2009).

Definição 2

Artigo de opinião é um gênero jornalístico argumentativo escrito, publicado em jornais, revistas, internet, e sempre assinado. A assinatura identifica o autor, o responsável pela opinião (Gagliardi; Amaral, 2004).

Definição 3

O artigo de opinião é um texto jornalístico que expressa o sentir ou pensar de uma pessoa sobre um assunto que desperta o interesse da opinião pública. Geralmente, quem escrever o artigo de opinião é um indivíduo notável, seja nas artes, na política ou de outras áreas, que escreve regularmente nos meios de comunicação em questão, ou se assim não for, a intervalos regulares e espaçados de acordo com as exigências do meio. O objetivo deste artigo é, geralmente, para influenciar o ponto de vista de quem vai ler (Artigo..., 2005-2015).

Definição 4

O Artigo de Opinião é um texto argumentativo, no qual o autor expressa seu ponto de vista, construído a partir de verdades, em relação a um tema de caráter polêmico. O autor tem como objetivo convencer seus interlocutores e para tanto precisa apresentar bons argumentos. Este tipo de texto circula nos meios de comunicação, tais como jornais, revistas, internet (Artigo..., 2013).

Definição da turma:

Definição da turma:

Um artigo de opinião é ...

Atividade 3 (2h/a)**Debatendo sobre a redução da maioria penal**

Sugerimos que os alunos sejam conduzidos ao laboratório de informática¹². Caso a escola não tenha um laboratório, leve-os a uma sala que tenha um *Datashow*, para que possam assistir a um trecho (de 50 minutos) do programa *Encontro* com Fátima Bernardes (Encontro..., 2014), cujo assunto abordado é a maioria penal.

O objetivo é que os alunos se instrumentalizem para escreverem seu próprio artigo de opinião. É importante que eles percebam como esse tema envolve muitas questões emocionais que passam despercebidas para aqueles que não estão diretamente envolvidos com casos que suscitam a redução da maioria penal.

Professor(a), após a exibição do programa, sugerimos que provoque uma discussão sobre o assunto, colocando algumas questões como, por exemplo:

- Neste debate, quem parece ter razão?
- Por que (não) reduzir a idade penal parece ser a solução?
- Quais fatores estão envolvidos nessa discussão?

Essa discussão é importante, para que os alunos assimilem as informações contidas no vídeo e consigam uni-las às daquelas dos textos lidos, buscando formular sua própria opinião e argumentos.

Professor(a), durante a discussão, empenhe-se em ser um bom mediador, procurando inserir todos na discussão e “trazer de volta” à conversa os alunos que, porventura, vierem a se desviarem dela.

¹² Ver nota de rodapé 8.

É importante, também, não disponibilizar muito tempo para exemplos e experiências pessoais, visto que o foco da discussão é abordar mais amplamente os argumentos prós e contras à redução da maioria penal, pois eles servirão como subsídio para a escrita do artigo de opinião da atividade seguinte.

MÓDULO 2: produção inicial

Atividade 4 (2h/a)

Professor(a), os alunos deverão elaborar um primeiro texto escrito a partir da leitura dos quatro textos motivadores e do vídeo visto, observando algumas instruções: “Imagine que você foi convidado a escrever um artigo de opinião para ser publicado no jornal da nossa cidade, posicionando-se a respeito da redução da maioria penal no Brasil. Para produzir seu texto, considere as orientações a seguir: explicita e defenda seu ponto de vista acerca do tema, usando argumentos convincentes para defender seu ponto de vista. Produza seu texto com, no mínimo, 18 linhas”.

MÓDULO 3: Contexto de circulação do gênero

Atividade 5 (2h/a)

Reconhecendo um artigo de opinião em seu contexto de circulação impresso

Professor(a), trabalhe o contexto de produção do artigo de opinião. Para tanto, disponibilize revistas e jornais para os alunos encontrarem e lerem artigos de opinião no seu contexto de circulação, identificando seus elementos característicos e sua estrutura geral.

Peça que os alunos recortem os textos que considerarem como sendo artigos de opinião. Em duplas, os alunos deverão ler os

textos recortados, observando as características típicas dos gêneros argumentativos e colorindo os textos conforme a legenda: azul – o fato que deu origem à escritura do texto, verde – a polêmica que envolve o texto, vermelho – o posicionamento do autor, amarelo - os argumentos e rosa – a conclusão.

Essa técnica de pintar as partes do texto busca tornar os textos mais familiares aos alunos.

É possível, ainda, levar os alunos para o laboratório de informática, para observarem como os artigos de opinião presentes nos jornais e revistas folheados se apresentam em sua versão *online*. (Esta atividade demanda, pelo menos, mais um horário de aula)

MÓDULO 4: Os diferentes argumentos

Atividade 6 (3h/a)

Introduzindo os tipos de argumentos

Professor(a), para introduzir os tipos de argumentos possíveis de serem utilizados em um artigo de opinião, exiba o filme **12 homens e uma sentença** (1997).

Neste filme, os alunos poderão observar o funcionamento da argumentação em uma situação de júri e ver como ela é importante não só para o texto escrito, mas também para tantas outras situações cotidianas de nossas vidas.

Atividade 7 (2/a)

Apresentando os tipos de argumentos

Professor(a), usando como ponto de partida as impressões dos alunos em relação ao filme assistido, entregue a cópia para cada aluno do seguinte quadro, contendo os principais tipos de argumentos, isto é, aqueles mais comumente encontrados em artigos de opinião.

Quadro 3: tipos de argumento

Tipo	Explicação	Exemplos
De autoridade	Reproduz declarações de um especialista, de uma pessoa respeitável (líder, artista, político, de uma instituição considerada autoridade no assunto.).	O aumento no número de cobras encontradas em diversas cidades do país pode ser provocado pelo desmatamento e pela destruição do habitat natural desses animais. É o que explica o coordenador de fauna do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), João Pessoa Moreira, em declaração ao site G1 em 26/11/2009.
Exemplos	Relata um fato ocorrido com o autor ou com outra pessoa, para mostrar que o argumento defendido é válido.	A demissão do senhor Vicente Francisco do Espírito Santo, da Eletrosul, em março de 1992, porque seu chefe pretendia “clarear o ambiente”, foi um caso emblemático de discriminação racial. O funcionário entrou com processo e foi reintegrado ao quadro funcional da empresa três anos depois.
Provas	Comprova seus argumentos com informações incontestáveis: dados estatísticos, fatos históricos, acontecimentos notórios.	Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) para a agricultura e alimentação indica que o desmatamento ocorrido no Brasil entre 2000 e 2005 responde por 42% da perda de áreas florestais no mundo. A informação foi publicada no site do Greenpeace em 26/11/2009.
Princípios ou crença pessoal	Refere-se a valores éticos ou morais supostamente irrefutáveis.	A vida é sagrada e ninguém tem o direito a retirá-la de outra pessoa. Por isso a pena de morte é inaceitável.
De causa e consequência	Afirma que um fato ocorre em decorrência de outro.	Os abortos feitos de forma clandestina e insegura provocam sérios riscos à saúde da mulher, como a perda do útero, hemorragias e mesmo a morte.

Fonte: Com base em Gagliardi e Amaral (2004 apud Caderno..., 2010).

A partir da tabela apresentada, os alunos deverão ser levados a relerem os textos iniciais desta sequência didática, buscando identificar o tipo de argumento de cada um dos autores.

MÓDULO 5: Avaliação das produções inicial e final

Atividade 8 (2h/a)

Professor(a), este é o momento em que os alunos recebem novamente suas produções iniciais e as analisam, considerando os novos conhecimentos adquiridos sobre argumentação.

A partir dessa análise, os alunos deverão fazer a reescrita das produções iniciais, observando especialmente o uso de uma argumentação consistente que vai ao encontro da posição defendida pelo autor do texto.

Para a reescrita, os alunos devem considerar os critérios de avaliação abaixo:

Quadro 4: avaliação de produção do gênero artigo de opinião

Critérios	OK	Mudar
1 – Adequação do título		
2 – Adequação ao contexto de produção de linguagem • A questão discutida é mesmo controversa? • A questão discutida tem relevância social? • O autor se colocou como alguém que discute a questão racionalmente, considerou o leitor e o veículo de publicação do texto? • Você considera que conseguiu atingir seu objetivo de tentar convencer seus leitores?		
3 – Estrutura do texto • Presença de uma contextualização adequada da questão discutida. • Explicitação da posição defendida perante a questão. • Uso de argumentos para defender a posição assumida. • Presença de uma conclusão adequada.		

4 – Argumentação • Seleção de informações relevantes. • Emprego adequado de organizadores textuais.		
5 – Marcas linguísticas • Emprego adequado de unidades coesivas (além dos organizadores textuais típicos da argumentação) • Adequação às normas gramaticais. • Legibilidade (aspectos da grafia, ausência de rasuras, formatação adequada do texto);		

Fonte: Com base em Uber (2008).

O Mangá

Caroline Costa Silva

Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi

Francisca Borges Barbosa

Mauricéia Lopes Nascimento de Sousa

Modalidade de Ensino: Fundamental II

Ano(s): 6º ao 9º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

- Ao final desta proposta, o aluno poderá estar apto a:
 - Ativar seus conhecimentos prévios sobre o gênero.
 - Levantar hipóteses e fazer inferências durante a leitura.
 - Posicionar-se criticamente, refletindo sobre a língua, expandindo as possibilidades de uso da linguagem.
 - Construir, de forma colaborativa, um gênero quadrinizado.
 - Organizar uma revista – gênero quadrinizado - mangá, valorizando os diferentes modos de significação, presentes nesse gênero.
 - Participar, ativamente, de práticas de letramento.
- **Duração das atividades (h/a):** 10 aulas de 50 min.
- **Estratégias e recursos didáticos:**
 - Mangás do Naruto, *datashow*.
 - Giz e lousa, material impresso.
 - Giz de cera, lápis de cor.
 - Canetinha, cartolina, folhas sulfite, computador com acesso à internet.

- A escolha do mangá Naruto e dos recursos didáticos foi intencional, pois os alunos do Ensino Fundamental apreciam a leitura desse gênero e se interessam pelo acesso aos recursos tecnológicos, em especial.

- **Conhecimentos prévios:**

- Habilidade básica de leitura e de escrita.

Aula 1

Professor(a), para a apresentação inicial, parta de uma conversa informal com os alunos sobre histórias em quadrinhos, mais especificamente sobre o mangá, gênero japonês, a fim de levantar os conhecimentos prévios da turma.

Neste momento, é pertinente argumentar com os alunos se eles conhecem o gênero mangá; se esse gênero se assemelha com outros gêneros dos quadrinhos, se há diferenças; se eles já leram mangás; se gostaram; por que gostaram, dentre outras possibilidades de sondagem.

- **Primeira produção**

Aulas 1 e 2

Professor(a), a proposta para a primeira produção é a escrita de um texto, podendo ser mangá ou HQ, como os alunos preferirem. Essa produção escrita inicial tem valor diagnóstico e função primordial na elaboração das atividades que contemplam o ensino sistemático do gênero em questão e que serão desenvolvidas nos módulos.

Ainda nessa fase de trabalho, propomos que apresente aos alunos o primeiro exemplar do mangá Naruto e permita que eles o manuseiem antes mesmo das propostas de atividades.

Figura 1: Mangá do Naruto: primeiro exemplar



Fonte: Naruto (2015, p.4-5).

MÓDULO 1

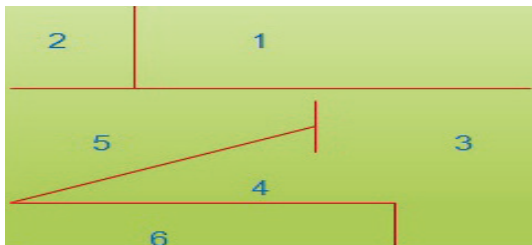
Aula 3

Professor(a), partindo do pressuposto de que alguns alunos não têm contato com esse tipo de literatura, é pertinente:

- Apresentar a revista *Naruto* aos alunos (agora já para o uso em função da atividade de leitura).
- Discutir sobre a escrita e leitura oriental que é realizada de trás para frente, ou seja, da direita para a esquerda.

Importante: professor(a), deixe claro para o aluno como deve ser feita a leitura de um mangá, já que a leitura desse gênero se difere da leitura das História em Quadrinhos (HQ) tradicionais.

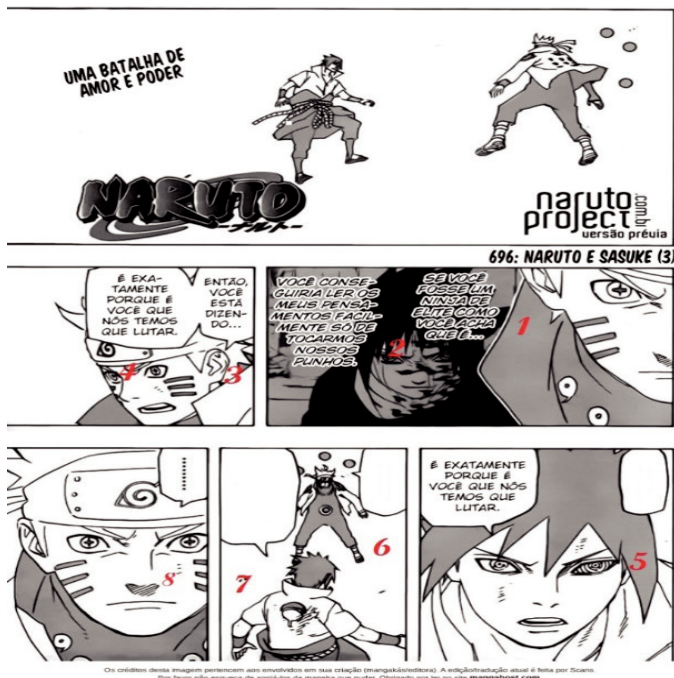
Figura 2: Leitura do gênero Mangá



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Professor(a), para que os alunos tenham um contato bem efetivo com o gênero selecionado, sugerimos que a eles seja apresentado mais um exemplar. A escolha ficará a seu critério. Veja sugestão apresentada a seguir:

Figura 3: Momento de praticar a leitura. Modelo numerado



Fonte: Masashi (1999, p.1).

MÓDULO 2

Aulas 4 a 8

Professor(a), novamente, os mangás deverão ser disponibilizados aos alunos com a proposta de:

- Leitura diária fora do contexto sala de aula.
- Pesquisa da cultura oriental e de disponibilidade da revista Naruto na versão digital.

- **Na sala de aula:**

- Discuta sobre os elementos pesquisados e sobre a temática da revista.
- Analise as primeiras produções, de forma a tornar conhecidas as dificuldades apresentadas (para todos os envolvidos com a atividade).
- Analise as características linguísticas, visuais e ideológicas do gênero mangá:

- Linguísticas: estruturas verbais que expressem relação de temporalidade (passadas, presentes ou futuras), interjeições, figuras de linguagem, vocabulário.
- Visuais: arte sequencial, autoria, cores em preto e branco, características físicas das personagens, entre outras.
- Ideológicas: valores políticos, morais e culturais.

MÓDULO 3

Aulas 9 e 10

Produção final

Produção, criação de uma HQ - mangá, de forma integrada com a componente curricular arte:

- Criação da narrativa.
- Elaboração da arte sequencial.

Professor(a), para os estudantes representarem com mais vivacidade a compreensão, os sujeitos e as situações consideradas significativas, proponha a criação de uma narrativa subjacente às imagens.

• **Culminância**

- Organização dos textos para elaboração de uma revista em quadrinhos, de autoria coletiva.
- Professor(a), a organização dessa atividade será de sua responsabilidade.

• **Desdobramento e avaliação**

Professor(a), considerando que trabalhar com esse gênero é uma oportunidade de aproximar o leitor do texto e de problematizar representações estereotipadas construídas nos gêneros quadrinizados, sugerimos como critério de avaliação o posicionamento reflexivo do aluno no momento das discussões na sala de aula. Bem como sua capacidade de compreensão e de interpretação textual, tanto na atividade proposta para a leitura quanto para a escrita.

O gênero mangá, tomado como ferramenta de ensino, além de despertar o interesse do aluno pelo aprendizado da língua, instiga-o à leitura e à produção de texto, independente das exigências escolares. Favorece, também, uma conscientização, à luz do contexto de cultura, dos aspectos relacionados à luta como artes marciais.

Sob nosso ponto de vista, os mangás podem ser utilizados como ferramentas didáticas para proporcionar reflexões sobre cultura de paz, além de trazer aspectos da vida real, por meio do multimodal.

Portanto, explorar contornos sociais, culturais e históricos presentes no gênero, a partir de uma sequência didática, representa uma coerente proposta de ensino. Assim, entendemos que as atividades realizadas devem propiciar, a você, professor, um diagnóstico relevante para o planejamento das atividades que envolvem o uso da língua oral e escrita. É como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), os professores de Língua Portuguesa devem buscar contextos de produção precisos, pois a realização de atividades ou exercícios múltiplos e variados permitirão, aos alunos, apropriarem-se das noções, das técnicas e dos instrumentos necessários ao desenvolvimento de suas capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversas.

O Conto

Christiane Renata Caldeira de Melo
Paula Márcia Lázaro da Silva

Modalidade de ensino: Fundamental II

Ano: 7º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Ler e compreender o gênero conto.
- Reconhecer suas características composicionais e objetivos comunicativos.
- Apropriar-se dos recursos linguísticos e discursivos para utilizá-los com autonomia em sua prática social.

• **Duração das atividades (h/a):** 10 aulas de 50 min.

• **Conhecimentos prévios:**

- habilidades de leitura e escrita;
- conhecimentos sobre o gênero conto.

• **Estratégias e recursos utilizados:**

- Leitura de contos.
- *Datashow*; caixinhas de som; revistas; cola; tesoura; lápis de cor; giz de cera e laboratório de informática.
- Atividades orais e escritas com contos.
- Produção de contos.
- Elaboração de livro de contos.

• Apresentação da situação

Aula 1

Importante: professor(a), neste primeiro momento, deixe claro para os alunos o trabalho a ser desenvolvido, ou seja, o que será realizado, como será realizado e qual a finalidade.

Professor(a), ao iniciar a aula, sugerimos que:

- Converse com os alunos sobre contar e ouvir histórias.
- Explique que, nesta atividade, vamos explorar as partes de uma história, construir perfis de personagens e usar nossa imaginação para construir um texto.
- Relembre com os alunos algumas histórias e personagens que conhecemos, desde a infância, como: Branca de Neve e os Sete Anões, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela e outras.
- Questione: onde encontramos estas histórias? Qual é a faixa etária dos leitores?
- Destaque que todas essas histórias narram fatos (imaginários ou reais) que aconteceram com alguém, em algum lugar, em algum tempo, de um certo modo.
- Apresente a definição do gênero conto:

O conto é uma narrativa breve; desenrolando um só incidente predominante e um só personagem principal, contém um só assunto cujos detalhes são tão comprimidos e o conjunto do tratamento tão organizado, que produzem uma só impressão (GOTLIB, 2003, p.16).

Apresente o título da primeira história: “O nariz do Rei Mahendra” e trabalhe a imaginação dos alunos com a seguinte dinâmica:

Entregue aos alunos envelopes coloridos e diferentes com as seguintes perguntas enumeradas:

- 1) Você já ouviu falar no Rei Mahendra? O que você acha desse nome?
- 2) O que haveria de errado com o nariz do rei?
- 3) Vamos imaginar como seria este rei? Você irá começar e os colegas vão ajudar na descrição.
- 4) Onde você acha que aconteceu esta história?
- 5) Agora, vamos descrever este lugar.
- 6) Quais poderiam ser os outros personagens (da história) que aparecem junto do rei?
- 7) Conte-nos se você já leu ou viu um livro de contos na biblioteca.

Professor(a), para esta dinâmica, escreva no quadro as respostas dos alunos, tanto a descrição do rei quanto a do ambiente em que a história se passa.

Distribua a primeira história em folha xerografada e faça a leitura com os alunos.

Texto 1: O nariz do Rei Mahendra

Era uma vez um rei muito estúpido, que tinha um nariz torto, monstruoso, horrível.

Não percebia, porém, o pobre monarca, a enormidade do seu defeito; julgava-se, ao contrário, um verdadeiro tipo de beleza masculina. Infeliz daquele que zombasse, ou de leve se referisse ao narigão disforme do rei! Punha a língua à mostra na forca mais próxima!

Um dia o rei Mahendra – já esquecia de dizer que era este o nome do rei narigudo – disse ao seu ministro:

– Quero ter aqui, no palácio, um retrato meu, cuja perfeição e fidelidade todos hajam de gabar.

O ministro mandou chamar os melhores pintores do país. O prêmio prometido ao mais hábil era magnífico: um elefante, um palácio e uma caixa cheia de joias.

Apresentaram-se três artistas que passavam por habilíssimos: Kedar, pintor da corte; Meryem, de origem árabe, e o jovem Fauzi Nalik, sírio de grande talento.

Kedar, tomando da tela, fez surgir, de sob seus ágeis pincéis, um retrato perfeito do rei; reproduziu o nariz do monarca exatamente como o modelo lhe mostrava – enorme e monstruoso.

Quando o rei Mahendra viu sua figura grotesca, nitidamente reproduzida no quadro, ficou furioso:

– Atrevido! Miserável! Fazer de mim semelhante monstrengo!

E mandou enforcar o pintor.

Meryem, o segundo artista, ao ver o triste fim de seu companheiro, achou prudente não imitar a escola realista de seu malogrado colega. Isso de pintar os soberanos tal como eles são deu sempre mau resultado. E o árabe retratou o rei fazendo-o perfeito em todos os seus traços fisionômicos. Era aquilo uma verdadeira obra de arte.

Enfureceu-se ainda mais o monarca ao ver o novo trabalho. A figura feita por Meryem era bela, e em nada se parecia com o original, de nariz singularmente feio.

– O Belzebu desse pintor quer zombar de mim! – gritou colérico. – Esse retrato em nada se parece comigo! É, antes, um verdadeiro escárnio.

E mandou enforcar o infeliz Meryem.

Chegou, finalmente, a vez do jovem Fauzi Nalik, o pintor sírio.

– Estou perdido! – disse ele aos seus botões. – Se pinto o rei de nariz torto, vou para a forca; se lhe endireito a cara, sou enforcado!

E todos na cidade já lhe lamentavam, por antecipação, o triste fim.

– No dia em que ele der o último retoque no retrato do rei, vai direitinho levar o pescoço ao barão!

Mas – com espanto geral – tal não aconteceu. O monarca ficou encantado com o trabalho do talentoso Fauzi Nalik.

– Este, sim – proclamou, vaidoso e satisfeito – este é meu verdadeiro retrato.

E mandou que sem mais demora se entregasse ao moço pintor a prometida e valiosa recompensa: um elefante, um palácio e uma caixa de joias.

Quando Fauzi Nalik, radiante e feliz, deixou o palácio real, viu-se cercado dos amigos, que o cumulavam de perguntas:

– Então? Como conseguiu o milagre? Pintaste o rei de nariz torto ou sem nariz? Conta-nos lá a proeza.

– Pois vou conta-la – respondeu o inteligente moço. – Pinte o rei exatamente como ele é. Tive, porém, a ideia de imaginá-lo a caçar tigres, e a arma que ele levava ao rosto tapava-lhe perfeitamente o nariz grotesco e monstruoso!

E ao afastar-se, risonho, acrescentou:

– Se o aleijão do rei Mahendra, em vez de ser no nariz, fosse nas pernas, eu o teria pintado a banhar-se num lago com água até a cintura.

Fonte: Tahan (2017).

Professor(a), antes de fazer a exploração oral, prepare a sala, organize uma exposição de livros, coletâneas de contos.

1. EXPLORAÇÃO ORAL

- 1) Este rei é diferente daqueles que você conhece? Por quê?
- 2) De acordo com qual pintor você desenharia o rei? Por quê?
- 3) Como você reage diante das diferenças físicas entre as pessoas?
- 4) O que imaginamos antes de ler a história se confirmou com a leitura?

Aula 2

Professor(a), prepare a turma para a leitura do segundo texto da sequência.

Utilize o vídeo do poema “Meus oito anos”, de Casimiro de Abreu (Mário..., 2011) e passe-o à turma no *datashow*, para motivar os alunos à leitura do texto 2.

Após a apresentação do vídeo, faça a leitura do poema **Meus Oito Anos**.

Meus Oito Anos

Oh! que saudades que eu tenho	O céu bordado d'estrelas,
Da aurora da minha vida,	A terra de aromas cheia,
Da minha infância querida	As ondas beijando a areia
Que os anos não trazem mais!	E a lua beijando o mar!
Que amor, que sonhos, que flores,	Oh! dias de minha infância!
Naquelas tardes fagueiras	Oh! meu céu de primavera!
À sombra das bananeiras,	Que doce a vida não era
Debaixo dos laranjais!	Nessa risonha manhã!
Como são belos os dias	Em vez de mágoas de agora,
Do despontar da existência!	Eu tinha nessas delícias
- Respira a alma inocência	De minha mãe as carícias
Como perfumes a flor;	E beijos de minha irmã!
O mar é – lago sereno,	Livre filho das montanhas,
O céu – um manto azulado,	Eu ia bem satisfeito,
O mundo – um sonho dourado,	De camisa aberta ao peito,
A vida – um hino d'amor!	- Pés descalços, braços nus -
Que auroras, que sol, que vida,	Correndo pelas campinas
Que noites de melodia	À roda das cachoeiras,
Naquela doce alegria,	Atrás das asas ligeiras
Naquele ingênuo folgar!	Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos	Oh! que saudades que eu tenho
la colher as pitangas,	Da aurora da minha vida
Trepava a tirar as mangas,/	Da minha infância querida
Brincava à beira do mar;	Que os anos não trazem mais!
Rezava às Ave-Marias,	– Que amor, que sonhos, que
Achava o céu sempre lindo,	flores,
Adormecia sorrindo,	Naquelas tardes fagueiras
E despertava a cantar!	À sombra das bananeiras,
	Debaixo dos laranjais!

(Casimiro de Abreu)
 Fonte: Abreu (2006).

Professor(a), leve para sala revistas, lápis de cor, giz de cera e cartolina, para que os alunos realizem a atividade 5 da exploração oral.

EXPLORAÇÃO ORAL

- 1) Vocês gostaram deste poema?
- 2) Qual é o assunto tratado no poema?
- 3) Você tem saudade de sua infância?
- 4) Fechem os olhos e pensem num momento inesquecível, uma brincadeira, uma festa, um dia especial com os amigos(as).
- 5) Façam um desenho que represente sua infância.

Professor(a), peça aos alunos que tragam fotografias da **infância** para a aula seguinte.

Aula 3

Para esta aula, os alunos estarão com suas fotografias da infância. Professor(a), peça aos alunos que mostrem as fotos aos colegas e digam por que são importantes¹³.

¹³ Esta atividade deverá ser iniciada pelo professor(a), que também levará uma fotografia de sua infância.

Em seguida, distribua aos alunos o texto a seguir, impresso.

Texto 2: A peste que eu fui ou... Ai, que falta de saudades dos meus oito anos

Eu fui uma peste quando criança. Além disso, tinha pernas finas, cabelo arrepiado e uma acentuada tendência a praticar minhas crueldades, nada inocentes.

Eu tinha uma inimiga que eu considerava como tal; no íntimo, porém, para todos os efeitos, por motivos familiares e também não familiares, era “amiga”. Os motivos familiares eram que nossas famílias se visitavam, conviviam e jogavam bridge. Os não familiares eram outros: meu pai flertava com a mãe dela.

Evidentemente, eu tinha minhas razões para implicar com a garota: não tenho nada contra flertes, mas detesto bridge. Deve ter sido o motivo principal, este, o tal jogo de bridge! Era um horror: os adultos jogavam, brigavam, flertavam... e nós? Bem, nós andávamos de bicicleta.

A bicicleta era uma só. Era uma velha bicicleta, meio desconjuntada, pintada de “azul cheguei” e, SOBRETUDO, era minha. Os adultos queriam jogar bridge, ou sei lá; enfim, não desejavam crianças na sala, sobretudo, também, por causa do bridge. Então, os adultos diziam assim:

- Vão andar de bicicleta, queridinhas!

Eu ficava uma fera. Andar na MINHA bicicleta, sair de MINHA CASA e fingir, sobretudo, que não percebia o outro jogo do MEU pai!

A amiga, naqueles tempos passadíssimos, era gorda. Minha obrigação era levá-la no selim. Lá ia eu, curtindo meu ódio, levando a gorducha e bonita e rosada e louça e... pois é!

Eu morava na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio. Naquele tempo quase não havia automóvel por ali, lugar ideal para levar

a gorda, bonita, rosada e louçã, no selim, enquanto eu, magra, arrepiada e exausta, suava, nhec, nhec, pedalando a MINHA bicicleta... a gorda só tomando brisa, cantarolava, louçã.

Aí, eu vi um paralelepípedo muito atraente, fora do lugar, no caminho. O paralelepípedo de um lado, o buraco do outro, com muito lugar ainda para a bicicleta passar, sem problemas.

Foi quando perguntei para a louçã:

– Você gostaria de morrer caindo naquele buraco, ou preferiria fraturar o nariz naquela pedra? Escolha, queridinha, porque eu vou fazer com que você odeie bicicletas para o resto da sua vida!

A menina deu um risinho e respondeu, com voz de soprano:

– Você adora fazer dramas, não é, Sylvia?

– Adoro, sim, mas responda depressa, porque eu vou me machucar, mas você, queridinha, vai se arrebentar!

– Deixa eu pensar, ainda não decidi! – respondeu a inocente criatura, pesadíssima.

Aí, eu dei mais uma volta, para dar tempo para ela decidir. De repente, a menina percebeu que eu estava falando sério, começou a choramingar, na base do eu quero descer da bicicleta, vou falar com mamãe, estou de mal etc.

Eu já estava de volta. Gritei, pedalando violentamente, correndo o mais que podia:

– Escolha: a pedra ou o buraco?

– A pedra, a pedra! – berrava a menina.

Fui ao alvo, com toda a velocidade. A pedra, chegando, chegando... e nos esborrachamos!

Ela ficou toda ralada, chorando alto. Eu, pingando sangue do nariz, sorria, no auge da felicidade.

Eu era uma peste. Sou até hoje, porque meu pai, quando ler esta história, vai ficar danado da vida. Bem feito, quem mandou jogar bridge?

Professor(a), explore os conhecimentos prévios dos alunos no que diz respeito ao gênero poema e ao gênero conto. Explícite as principais diferenças existentes entre eles.

EXPLORAÇÃO ORAL DOS TEXTOS

- 1) Compare os títulos do conto (texto 2) com o do poema “Meus oito anos”. São diferentes? Por quê?
- 2) Por que o personagem afirma que foi “uma peste desde criança”? Como foi a infância do personagem?
- 3) No título do conto, temos a afirmação: “Ai que falta de saudades dos meus oito anos”. Vamos lê-lo para entender o porquê dessa falta de saudades.
- 4) Vocês sabem o que é *bridge*¹⁴? Vamos descobrir com esta leitura!

2. PRODUÇÃO INICIAL

Aula 1

Professor(a), a partir da leitura das duas histórias e do poema, peça que os alunos relembrem outras. Para isso, leve os alunos ao laboratório de informática¹⁵ da escola e peça a eles que pesquisem na internet outros contos. Nesse momento, ou no outro dia, eles selecionarão um para relatar oralmente à turma. Forme uma roda de conversa (ou de contação de histórias) e cada aluno irá contar livremente sua história.

Professor(a), é importante que o aluno conte sua história espontaneamente. Caso alguns não queiram fazer esta atividade, selecione apenas aqueles que se mostrarem dispostos.

¹⁴ Professor(a), você encontra definição desse jogo em Bridge Clube do Rio de Janeiro (2014).

¹⁵ Ver nota de rodapé 8.

Aula 2

Agora os alunos farão uma produção inicial do gênero conto. Cada um, com base nos textos trabalhados anteriormente, irá fazer sua própria produção.

Professor(a), esclareça aos alunos que esta produção inicial terá como finalidade a observação dos conhecimentos da turma acerca do gênero e que, posteriormente, a história produzida será aperfeiçoada e publicada no livro de contos a ser publicado pela escola.

3. MÓDULOS

MÓDULO 1: Comparando os textos

Professor(a), leia novamente os textos lidos na apresentação da situação. Depois, peça que os alunos preencham o seguinte quadro com as informações sobre o texto.

Quadro 5: Comparação entre os textos 1 e 2.

	Texto 1	Texto 2
Qual é o tipo de texto?	Narração/história	Narração/história
Quem conta a história?	Um narrador qualquer	A narradora, que é personagem
O que conta?	Sobre um rei narigudo que desejava ter o seu retrato no palácio onde morava	Um acontecimento de infância
Quando aconteceu?	O tempo não está definido	Quando a personagem era criança
Onde aconteceu?	O lugar não está definido	No Rio de Janeiro, próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas.
Com quem aconteceu?	Com o rei Mahedra, o ministro e os três pintores.	Com a narradora e uma “amiga”.

Fonte: Elaborado pela autora.

MÓDULO 2: As partes de uma história

Professor(a), discuta com os alunos que os dois textos apresentam em comum uma característica: contam uma história. Relembre que toda história tem princípio – introdução; meio – desenvolvimento, e fim – desfecho. Na **introdução**, geralmente são apresentadas as personagens, a ideia central e o cenário em que os fatos vão se desenrolar. No **desenvolvimento**, os fatos irão se desenrolar, interligando-se e dando início ao conflito entre as personagens. O **desfecho** é a parte final, a conclusão da narrativa, que pode ser explícito: solucionando os conflitos; ou ser não explícito: deixando que o leitor chegue as suas próprias conclusões.

Realize a seguinte atividade:

- 1) Em duplas, os alunos deverão apontar, no **texto 1**, as partes da história, marcando com o lápis de cor:
 - Vermelho – a introdução
 - Verde – o desenvolvimento
 - Azul – o desfecho
- 2) Agora, no **texto 2**, eles lerão as frases a seguir e as relacionarão de acordo com a legenda apresentada:
 1. (B) “Aí, eu vi um paralelepípedo muito atraente, fora do lugar [...]” (9º parágrafo)
 2. (A) “Lá ia eu, curtindo meu ódio, levando a gorducha e bonita [...]” (7º parágrafo)
 3. (C) “Escolha: a pedra ou o buraco?” (8º parágrafo)
 4. (D) “Ela ficou toda ralada, chorando alto. Eu, pingando sangue [...]” (21º parágrafo)

A – momento em que os fatos começam a ser narrados;
B – momento em que se inicia o conflito entre as personagens;
C – momento de maior conflito entre as personagens;
D – momento em que acaba o conflito;

MÓDULO 3: Personagens

A personagem é um ser fictício, construído por palavras. Pode ser inspirada em pessoas realmente existentes ou inspirada em outra personagem. Professor(a), apresente para os alunos o seguinte texto:

Personagem:	Suzana (com z)
Idade:	16 anos
Altura:	1,66 m
Peso:	62 kg
Atividades:	Estudante de 2º grau com desejo de ser bióloga, jornalista, médica, psicóloga, cineasta, nutricionista, arqueóloga, atriz de novela TV, escritora, etc., tudo ao mesmo tempo.
Paixão:	Já curtiu muito o Edson Celulari. Aos 15 anos namorou o João, uma gracinha, mas muito paquerador. Atualmente só confia em seu cachorrinho, o Bojão. Desconfia que “os homens são todos iguais. Menos o Ricardo.
Comida:	“Arroz com feijão é a glória”. Doce é bom, mas engorda. Detesta cebola, alho, azeitona e maionese.
Cinema:	Adora. Gosta de filmes de amor. Chora, quando é muito triste. Gosta também de filmes de ficção científica como O caçador de Androides. Acha filmes de guerra e de faroeste muito chatos.
Esporte:	Pratica natação. Já fez ginástica aeróbica de baixo impacto. Um dia vai fazer ioga. Detesta futebol e torcedor fanático. Acompanha campeonato mundial.
Desejo:	Viver uma grande aventura.
Cor preferida:	Azul. Depois vermelho. Não gosta de verde, a não ser “verde ecológico”.
Irritações:	Gripe, dia de chuva, depilação, véspera de prova, levantar cedo, falta de roupa combinando, cheiro de fumaça de cigarro, porta de banheiro trancada, ônibus lotado, horário eleitoral na TV, perder as coisas, pernilongo.

Fonte: Brandão (1989).

Professor(a), explique que a caracterização de uma personagem será mais complexa quando ela estiver em ação, na sequência narrativa. Uma personagem não existe fora de um texto. É o narrador que lhe dá vida. As personagens que se destacam mais são as protagonistas ou as personagens principais. As que se relacionam e se opõem à personagem principal, participando da trama e também com destaque são as personagens antagonistas. Em volta dessas, podem existir outras, as personagens secundárias, que ajudam a desenvolver o enredo.

Peça que, oralmente, os alunos respondam às seguintes questões:

a) No texto “O nariz do rei Mahendra”, quem é a personagem protagonista e quais são as antagonistas?

R: Protagonista: o rei; antagonistas: o ministro e os três artistas.

MÓDULO 4: Criando e apresentando personagens

Aula 1

Professor(a), proponha aos alunos que construam, individualmente, uma personagem. Esta personagem será apresentada, posteriormente, a outro colega, na próxima aula do módulo.

1) Pense em pessoas que você conheça, em personagens de histórias que você já leu ou crie livremente uma personagem. Escreva:

- a) Nome:
- b) Idade:
- c) Quais os traços físicos (cor da pele, olhos, marcas ou sinais especiais) mais marcantes dessa personagem?
- d) Qual o seu estilo? O que gosta de usar?
- e) Agora, dê vida à sua personagem. Pense em seu jeito de ser – como é, sobre o que fala, quais os planos para o futuro, qualidades e defeitos, estilo de música preferido etc. Faça uma síntese das características da personagem que você escolheu.

Aula 2

Em duplas, cada aluno irá apresentar seu personagem ao colega. Posteriormente, ele deverá:

- a) Rer as descrições das personagens – sua e a do (a) colega – observando o jeito delas de ser, pensar e agir.
- b) Conversar sobre esses personagens: o que elas têm em comum? Quais são as diferenças? Como e onde poderiam se conhecer? Como seria esse encontro?

4. PRODUÇÃO FINAL

Professor(a), os alunos irão, nesta fase, escrever uma história, relacionando as personagens criadas. Deverão escrever, em duplas, a história de acordo com o que conversaram no exercício anterior, observando que na organização do texto há:

- Introdução: apresentação das personagens;
- Desenvolvimento: o desenrolar das ações entre as personagens;
- Desfecho: a conclusão da narrativa;

Professor(a), lembre os alunos de que o texto fará parte de um livro de contos da turma e que será apresentado à comunidade escolar.

5. REESCRITA DO GÊNERO

Professor(a), peça aos alunos que releiam a história, fazendo as modificações necessárias e de acordo com o gênero conto. Reforce que revisar um texto é muito importante, pois nos ajuda a verificar se utilizamos todos os elementos que determinado gênero requer. Ao final, apresente a ficha, reproduzida a seguir, aos alunos,

para que eles reflitam sobre o que *já fizeram* e o que *ainda precisam* fazer para melhorarem o texto.

Quadro 6: aspectos da reescrita do texto a serem observados.

Aspectos a observar	De acordo	Melhorar
Cumpri a finalidade ao escrever meu texto?		
O meu texto está destinado a leitores específicos?		
Elaborei um conto?		
Utilizei a imaginação?		
Dividi o texto em parágrafos?		
Fiz a descrição dos personagens?		
Criei um enredo?		
Coloquei o título? Ele está de acordo com o texto?		
Obedeci aos critérios da sequência narrativa: introdução, desenvolvimento e desfecho?		

Fonte: Elaborado pela autora.

6. AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados durante todas as etapas da sequência didática, tanto no que diz respeito à participação quanto ao desenvolvimento das atividades orais e escritas.

Professor(a), cumpridas todas as etapas, organize as produções para edição do livro de contos e o divulgue, por meio de materiais impressos e midiáticos, na escola e na cidade.

Os Minicontos

Márcia Christina de Souza Oliveira Caixêta

Suelene Alves Lopes

Natália Silva Vida

Modalidades de Ensino: Fundamental II e Médio

Ano(s): 9º; 1º; 2º e 3º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Levantar hipóteses acerca do conteúdo dos textos lidos, a partir de seus títulos e, posteriormente, a partir da leitura dos minicontos.
- Validar ou reformular as hipóteses levantadas.
- Propor sentidos para os minicontos lidos a partir de leituras individuais e leituras coletivas.
- Conhecer a estrutura dos minicontos enquanto gênero textual.
- Criar minicontos para posterior publicação em um livro de minicontos.

- **Duração das atividades (h/a):** 9 aulas de 50 min.

- **Conhecimentos prévios:**

- Habilidades de leitura e escrita.
- Habilidade de navegação na *web*.

- **Estratégias e recursos utilizados:**

- Discussão oral e coletiva acerca dos minicontos apresentados pelo professor.

- Primeira produção: criação de um miniconto (individualmente) com tema livre.
- Pesquisa de minicontos em *sites* da internet.
- Leitura e reflexão dos minicontos encontrados pelos alunos.
- Exposição dos minicontos encontrados pelos alunos.
- Conceituação do gênero miniconto e análise de sua estrutura.
- Produção final: miniconto; minicontos xerocados.
- *Data show*; computador; internet; cartolina; régua; lápis de escrever; borracha; pincéis.

• **Apresentação da Situação**

Professor(a), considerando que o objetivo desta sequência didática é despertar o interesse dos alunos pelos minicontos, esta etapa poderá ser feita a partir da leitura de cinco minicontos levados para a sala de aula por você. Inicialmente, os alunos levantarão hipóteses acerca do tema dos textos a partir de seus títulos. Em seguida, será feita a leitura dos seguintes minicontos e validação ou não das hipóteses levantadas.

1) Infância perdida

Sua vidinha era fácil não! Enquanto outras da sua idade faziam tarefas escolares, passeavam no shopping, desfilavam mochilas da Barbie, brincavam no parque e dormiam cedo, ela brincava na rua, altas horas, com seu uniforme diário: microssainha, meia-calça furada, saltos altos carcomidos... E a bolsinha vermelha.

Fora engolida pela boca escancarada do sistema.

Quartzo Rosa (Pseudônimo)

2) Penetra

Um ladrão invadiu uma festa à fantasia, disfarçado de ladrão: meia-calça na cabeça, revólver de brinquedo na cintura. Quando anunciou o assalto, ninguém achou graça.

Tonico Vieira (Pseudônimo).

3) Flores

Era piloto de caça. Cortava os céus a mais de dois mil pés. Foi encontrado em casa, com os pés a dois metros do chão.

Ramon Rufo (Pseudônimo)

4) Vigília

O papel de parede era trocado a cada faixa etária. O elefante da infância dera lugar ao futebol, aos campeões do boxe, substituídos agora pelos invictos do UFC.

O uniforme da escola pendia do cabide atrás da porta. Tênis e meias ainda aguardavam, a postos.

Ao lado da cama, uma poltrona e um livro.

Entrou no quarto, acendeu a luminária. Ajeitou a pequena urna de mogno sobre o lençol e puxou o cobertor até aninhá-la e cercá-la de calor. Retirou a tampa, sentou-se e suspirou antes de começar ler:

– Ficarei aqui até vê-lo dormir, meu filho.

Pressuposto Epistemológico (Pseudônimo)

5) Feriado

Sete de setembro. Aquartelados no morro, soldados sem farda traficam por independência ou morte.

Anima Brevis (Pseudônimo)

Fonte: Autores S/A... (2013).

• Produção Inicial

Professor(a), o objetivo desta produção é elaborar um miniconto – individualmente – com tema livre, para que todos os envolvidos (professor e alunos) na atividade reflitam sobre as competências e dificuldades apresentadas, conforme o gênero em estudo.

Neste momento ainda inicial da sequência didática, incite seus alunos a produzirem um miniconto com tema livre. Esta atividade contribuirá para que cada aluno crie mais de um miniconto, caso queira. Entretanto, ele deverá escolher o miniconto de que mais gosta para passar a limpo e entregar a você, para que seja corrigido.

MÓDULO 1: atividades de leitura

Atividade 1

Importante: professor(a), o objetivo deste módulo é proporcionar aos alunos um momento de pesquisa, leitura e interpretação de minicontos na internet, para que eles possam entrar em contato com diversos exemplares de textos pertencentes ao gênero em foco nesta sequência didática.

No primeiro momento, faça a exposição do objetivo da aula que é levar os alunos a pesquisarem minicontos na internet para serem apresentados aos colegas.

Em seguida, conduza os alunos a irem ao laboratório de informática¹⁶ para que eles possam realizar a pesquisa. Em duplas, eles poderão procurar *sites* de minicontos, ler alguns dos minicontos encontrados e selecionar três para ler para os colegas. Dentre os três minicontos, um poderá ser escolhido pelas duplas de alunos para ser apresentado aos colegas, inclusive, com a exposição da interpretação dos alunos acerca do miniconto selecionado.

A busca pelos minicontos poderá ser feita por meio do *site* Google ou de outros *sites* de busca com os quais os alunos estejam mais familiarizados.

A seguir, sugerimos alguns endereços de *sites* que trazem minicontos, caso você prefira indicar, previamente, os sítios nos quais os alunos deverão ler os referidos textos:

¹⁶ Ver nota de rodapé 8.

- <http://www.minicontos.com.br/minicontos> (Minicontos.com.br, 2015).
- <http://minicontos.blogspot.com.br/> (Minicontos ..., 2015).
- <http://www.marcelospalding.com/minicontos/?pg=2577> (Marcelo..., 2015).
- <http://www.leonardobrasiliense.com.br/?apid=0&tipo=2> (Leonardo..., 2015).

Atividade 2

Professor(a), os objetivos desta atividade são: I) levar os alunos a refletirem sobre os minicontos lidos e apresentarem sua reflexão para os demais colegas; II) proporcionar um momento de discussão sobre os minicontos lidos; III) construir coletivamente sentidos para esses minicontos.

- Esta atividade consistirá em uma **roda de conversa**¹⁷, momento em que cada dupla de alunos lerá os três minicontos selecionados para os demais colegas e apresentará sua interpretação para o conto escolhido.
- Após a leitura e apresentação das duplas, disponibilize um momento para os demais colegas comentarem o conto analisado e contribuírem com suas interpretações.

Atividade 3

Professor(a), o objetivo desta terceira atividade é confeccionar cartazes com os minicontos pesquisados para exposição em um mural na sala de aula.

- As duplas de alunos confeccionarão cartazes com a reprodução de um dos minicontos apresentados na **roda de conversa** – de preferência do miniconto analisado pela

¹⁷ Para este tipo de atividade, sugerimos que as cadeiras dos alunos sejam organizadas em círculo.

dupla. (Este trabalho deve ser realizado preferencialmente em casa).

- Após a confecção dos cartazes, eles serão afixados na sala de aula, e os estudantes poderão montar um mural de minicontos.

MÓDULO 2: explorando o gênero

Atividade 1

Professor(a), o objetivo, agora, é apresentar aos alunos as características do gênero miniconto. Para o sucesso da atividade, sugerimos que os alunos recebam uma cópia do resumo das principais características do miniconto, com exemplos de minicontos para serem analisados sob a sua orientação.

Por intermédio do *link* <http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/miniconto.html> (Minicontos..., 2013), o professor poderá montar o material da aula expositiva sobre a estrutura do gênero miniconto.

Atividade 2

Professor(a), os objetivos desta atividade são: i) analisar coletivamente três minicontos produzidos pelos alunos no momento da primeira produção; ii) verificar os “problemas” apresentados pelo referidos textos.

- Projete em *datashow* os três minicontos, um após o outro, e verifique, juntamente com os alunos, quais características desse gênero foram contempladas ou não nos minicontos mencionados.

Atividade 3

Professor(a), os objetivos agora são: i) analisar, em equipes de três componentes, os demais minicontos; ii) reescrevê-los a partir das observações feitas.

- Os alunos se organizarão em equipes de três integrantes, receberão um dos minicontos produzidos no momento da primeira produção, farão sua leitura e proporão sugestões para refação do miniconito. Em seguida, reescreverão o texto.

MÓDULO 3: produzindo minicontos

Atividade 1

Professor(a), os objetivos desta primeira atividade do terceiro módulo são produzir minicontos – em duplas – com base na temática de notícias e avaliá-los.

- Os alunos, em duplas, receberão quatro notícias retiradas de jornais, de revistas ou da internet para leitura silenciosa e interpretação.
- As duplas selecionarão uma das quatro notícias e, com base na temática, criarão um miniconito, buscando obedecer à estrutura e especificidades do gênero já estudado.
- Os minicontos serão digitados pela dupla e impressos para serem entregues aos colegas para apreciação.

Professor(a), no momento de apreciação dos minicontos produzidos pelas duplas, permita que os alunos não só leiam os minicontos como também exponham sua opinião sobre eles e apresentem sugestões.

- **Produção final**

Professor(a), o objetivo desta importante etapa do trabalho é produzir um miniconto para ser publicado no livro de minicontos da turma.

- Os alunos produzirão um miniconto, podendo escolher um dos temas a seguir: tráfico de drogas, traição ou violência contra a mulher¹⁸. Após a escrita dos minicontos, eles serão entregues a você para leitura, apreciação e correção. Depois, os minicontos serão devolvidos aos alunos para refacção e digitação. Finalmente, os minicontos lhe serão enviados via mensagem eletrônica, para uma última revisão, impressão e montagem do livro.

Avaliação

Os alunos deverão ser avaliados conforme sua interação no processo de leitura, especialmente por meio de seus comentários e interpretação dada aos minicontos durante a **roda de conversa**. Também serão avaliados a partir dos minicontos produzidos ao longo da sequência e a produção final.

¹⁸ Estes temas servem apenas como sugestão para os alunos. Professor(a), caso queira, eles poderão produzir seu miniconto com outro tema diferente dos indicados.

A Crônica

Célia Davi de Assunção

Modalidade de ensino: Fundamental II

Anos: 9º

Componente Curricular: Língua Portuguesa

Ao final da proposta, o aluno poderá estar apto a:

- Ler crônicas literárias.
- Identificar os recursos linguísticos literários e suas funções na crônica.
- Produzir uma crônica.
- Ampliar o vocabulário.
- Produzir uma coletânea de crônicas sobre “O lugar onde mora”.
- Interagir com a turma.
- Digitar e formatar o texto.

• **Duração das atividades (h/a):** de 12 a 15 aulas de 50 min.

• Conhecimentos prévios:

- Habilidades de leitura e escrita.
- Produção de entrevista.

• Estratégias e recursos:

- Cópia do texto *A última crônica* (Sabino, 1965).
- CDs virgens.
- Cópia da crônica: Peladas (Nogueira, 1977).
- Computadores com o processador de textos *word* ou similar instalado.

1) A apresentação da situação de comunicação

Professor(a), leve para a sala de aula cópias, equivalentes ao número de alunos da turma, do texto “A última crônica” e do conto “A mãe”.

Com a turma em círculo, exponha aos alunos, de forma bem clara, a sequência do gênero crônica, que será desenvolvida explorando a leitura e escrita, do início ao fim.

Faça uma exposição das características e da estrutura da crônica, expressões linguísticas e literárias presentes e as características que diferenciam crônica de conto.

Importante: professor(a), ressalte a importância, a função comunicativa e condições de produção da crônica, ou seja, para quê, para quem o cronista escreve (quem é seu interlocutor), como será desenvolvida a produção da crônica e quem a lerá.

2) Produção inicial – Ler, ouvir, falar e compreender para produzir

Professor(a), para a produção do gênero literário crônica, antecipe o desenvolvimento de atividades de leitura e de alguns comentários sobre o conto e a crônica, para que os alunos produzam o primeiro texto.

Para tanto, distribua as cópias dos textos “A última crônica”, apresentada no módulo 2. Na sequência, a sugestão é que um aluno (a) leia em voz alta o texto e, feita a leitura, você, professor(a), poderá pedir que os estudantes façam comentários sobre o texto, se gostaram, se não, contando oralmente o enredo dos dois textos.

Importante: professor(a), destaque as características do conto, para que o aluno(a) perceba a diferença entre conto e a crônica. Mostre essas características em uma aula expositiva.

- **Primeira Produção**

A proposta seguinte se baseia em aulas anteriores, uma vez que os alunos já estudaram, leram e produziram uma entrevista. Assim, em grupo de 4 alunos, peça que façam uma entrevista com moradores de sua comunidade (fazenda, distrito, cidade etc.), procurando priorizar as seguintes perguntas:

- 1) Você gosta do lugar onde vive? Por quê?
- 2) Há quantos anos você mora nesse lugar?
- 3) Conte um fato que marcou sua vida nesse lugar, seja ele bom, engraçado, triste ou que levou você a pensar sobre a vida em qualquer sentido.
- 4) O que você sente em relação a esse lugar?
- 5) O que mais lhe chama a atenção neste lugar?
- 6) Gostaria de continuar morando aqui? Por quê?

Professor(a), após a realização da entrevista, um aluno (a) de cada grupo lerá as respostas para os colegas na sala de aula. A partir das leituras das respostas das entrevistas, os alunos poderão produzir individualmente as primeiras crônicas com o tema: *O lugar onde eu moro*.

Professor(a), depois dessa atividade, faça algumas perguntas para os alunos com vistas a uma reflexão sobre o tema.

- **Sugestões de perguntas para os alunos:**

- E você ?
- O lugar onde você mora, como é ? O que mais lhe chama a atenção nele?
- Professor(a), crie outras perguntas, tendo como referência a realidade de seus alunos e de sua sala de aula

Produção inicial:

Em seguida, solicite aos alunos que produzam individualmente uma crônica com o tema “O lugar onde eu moro”

MÓDULO 1 – Conhecendo o texto

• Atividade

Professor(a), peça aos alunos que façam uma leitura silenciosa do texto “Peladas”, apresentado a seguir. Auxilie os estudantes na tarefa de comentarem os aspectos mais relevantes como: uso de expressões linguísticas de uso formal, informal e sentido conotativo.

Peladas

Esta pracinha sem aquela pelada virou uma chatice completa: agora, é uma babá que passa, empurrando, sem afeto, um bebê de carrinho, é um par de velhos que troca silêncios num banco sem encosto.

E, no entanto, ainda ontem, isso aqui fervia de menino, de sol, de bola, de sonho: “Eu jogo na linha! eu sou o Lula!; no gol, eu não jogo, tô com o joelho ralado de ontem; vou ficar aqui atrás: entrou aqui, já sabe”. Uma gritaria, todo mundo se escalando, todo mundo querendo tirar o selo da bola, bendito fruto de uma suada vaquinha.

Oito de cada lado e, para não confundir, um time fica como está; o outro joga sem camisa.

Já reparei uma coisa: bola de futebol, seja nova, seja velha, é um ser muito compreensivo que dança conforme a música: se está no Maracanã, numa decisão de título, ela rola e quiçá com um ar dramático, mantendo sempre a mesma pose adulta, esteja nos pés de Gérson ou nas mãos de um gandula.

Em compensação, num racha de menino ninguém é mais sapeca: ela corre para cá, corre para lá, quica no meio-fio, para de estalo no canteiro, lambe a canela de um, deixa-se espremer entre mil canelas, depois escapa, rolando, doida, pela calçada. Parece um bichinho. Aqui, nessa pelada inocente é que se pode sentir a pureza de uma bola. Afinal, trata-se de uma bola profissional, uma número cinco, cheia de carimbos ilustres: “Copa Rio-Oficial”, “FIFA – Especial”. Uma bola assim, toda de branco, coberta de condecorações por todos os gomos (gomos hexagonais!), jamais seria barrada em recepção do Itamaraty.

No entanto, aí está ela, correndo para cima e para baixo, na maior farra do mundo, disputada, maltratada até, pois, de quando em quando, acertam-lhe um bico, ela sai zarolha, vendo estrelas, coitadinha.

Racha é assim mesmo: tem bico, mas tem também sem-pulo de craque como aquele do Tona, que empatou a pelada e que lava a alma de qualquer bola. Uma pintura. Nova saída.

Entra na praça batendo palmas como quem enxota galinha no quintal. É um velho com cara de guarda-livros que, sem pedir licença, invade o universo infantil de uma pelada e vai expulsando todo mundo. Num instante, o campo está vazio, o mundo está vazio. Não deu tempo nem de desfazer as traves feitas de camisas.

O espantalho-gente pega a bola, viva, ainda, tira do bolso um canivete e dá-lhe a primeira espetada. No segundo golpe, a bola começa a sangrar. Em cada gomo o coração de uma criança.

Fonte: Nogueira (1977).

MÓDULO 2 - Analisando o texto

Professor(a), nesta atividade, solicite, sob sua supervisão, aos alunos que façam uma análise do texto “A última crônica” apresentado a seguir:

A Última Crônica

(Fernando Sabino)

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial.

Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente

ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Fonte: Sabino (1965).

Professor(a), após os estudantes terem lido o texto, solicite aos alunos que realizem a atividade abaixo, cumprindo o seguinte roteiro de instruções:

- 1) Quem é o autor do texto?
- 2) Você já leu outros textos deste autor?
- 3) Qual sentimento, o texto despertou em você?

Em seguida, peça aos estudantes que façam a atividade abaixo, escrevendo as respostas em seus cadernos.

Atividade: escrevendo sobre o texto

- 1) Como o narrador lança o olhar sobre as personagens? De forma irônica, piedosa, poética, humorística, sarcástica, crítica ou/e preconceituosa? Como ele consegue se expressar dessa forma? O que ele usa?
- 2) Há quantas personagens no texto?
- 3) Qual foi o acontecimento que originou a crônica?
- 4) O narrador desse texto expressa algum tipo de sentimento com relação às personagens?
- 5) É possível identificar o tempo nesse texto? E o lugar?
- 6) O texto apresenta muitas características das personagens? Quais?
- 7) Há expressões linguísticas e literárias com sentido figurado? Quais?
- 8) Qual o fato do cotidiano do narrador que o despertou a escrever a crônica?
- 9) Quem você acha que seria o interlocutor/leitor do texto “A última crônica”?
- 10) Ele expressa algum tipo de sentimento para com as personagens? Escreva na frente da identificação da personagem, qual sentimento o narrador expressa para com elas:
 - a) A mãe
 - b) O pai
 - c) A menina

11) Há características diferentes para as personagens? Quais?

- a) A mãe
- b) O pai
- c) A filha

MÓDULO 3 – Interagindo com o texto

Professor(a), neste módulo, há atividades que farão com que os estudantes interajam com o texto. Para tanto, solicite a eles que respondam às perguntas sugeridas abaixo.

1) Qual é a intenção comunicativa da crônica? Justifique.

- a) () Divertir.
- b) () Levar o leitor a refletir sobre um fato do cotidiano.
- c) () Despertar humor.

2) Observe o narrador da “Última crônica”.

- a) Qual é a pessoa do discurso empregada para narrar os fatos? Justifique sua resposta com elementos do texto.
- b) Estamos diante de um narrador-observador ou narrador-testemunha? Em que isso contribui para a construção do sentido do texto?

1) A estrutura da crônica

Com relação à estrutura do texto, o que você pode observar?

- A) É possível identificar o tempo nesse texto? E o lugar?
- B) Há um conflito no texto? Identifique-o sublinhando no texto.
- C) Pinte de amarelo o trecho que é o clímax.
- D) Sublinhe com o marca texto verde, o trecho que representa o desfecho.

MÓDULO 4 – No Laboratório de Informática

Professor(a), conduza seus alunos ao laboratório de informática da escola¹⁹ e solicite que realizem as seguintes atividades:

- Em dupla, peça que pesquisem no *google* ou em blogs educativos sobre o gênero “crônica”. Escrevam o que acharem importante sobre o gênero, anotem em seu caderno como e quando surgiu a crônica no Brasil, como se estrutura, qual a sua função comunicativa e quem geralmente são os leitores.
- Ainda, em dupla, façam uma leitura da pesquisa feita no laboratório de informática e discutam com os colegas, as informações pesquisadas²⁰.

MÓDULO 5 - O léxico em ação

Professor(a), neste módulo, a ideia é que as atividades sejam feitas no caderno. Solicite aos estudantes que respondam às perguntas abaixo.

- 1) Há palavras ou expressões linguísticas desconhecidas no texto? Anotem-nas, depois pesquisem em pelo menos três dicionários escolares as acepções que melhor se adaptam ao contexto em que a palavra foi usada no texto “A última crônica”.
- 2) Produzam contextos (frases, parágrafos, textos curtos) bem coerentes, usando cada uma das palavras pesquisadas no dicionário.
- 3) Façam a leitura desses contextos produzidos para os colegas da sala.

¹⁹ Ver nota de rodapé 8.

²⁰ Professor(a), nesta tarefa, intervenha, pedindo que cada um apresente seu texto.

MÓDULO 6 - Definindo crônica

Professor(a), neste módulo, peça aos estudantes que respondam qual é o gênero do texto lido e que falem o que é uma crônica, como se caracteriza, como se estrutura, onde é veiculada, quem é o público leitor. Na sequência, oportunize condições para que os estudantes possam criar, por escrito, a definição de crônica.

Depois disso, peça que eles leiam em voz alta suas definições para os colegas, enquanto isso, vá anotando o conceito na lousa e complementando com as definições que cada aluno formulou, para a turma copiar.

MÓDULO 7 - Trabalho de campo

Professor(a), proponha aos alunos um trabalho de campo pelo bairro onde moram, a fim de observarem e anotarem as características do lugar onde vivem (paisagem, cores, cheiros, etc.), as pessoas, o que elas fazem, do que gostam, do que se alimentam, seus lazeres, costumes, cultura, vestimentas, falares, dialetos, rotina, entre outros.

Em trio, os estudantes poderão ler as anotações de seus colegas, e, depois, copiarem o que você anotou na lousa como mais relevante.

MÓDULO 8 - Produção final

Professor(a), solicite aos alunos que releiam a crônica que produziram anteriormente (**produção inicial**) e que a complementem com os conhecimentos adquiridos por meio das atividades desenvolvidas, incluindo a atividade de trabalho de campo.

Importante: os estudantes deverão atentar-se para o tema proposto, o título, o objetivo do gênero e o interlocutor que almeja atingir com seu texto.

MÓDULO 9 - A revisão e a reescrita

Professor(a), neste módulo, peça aos estudantes que reescrevam seus textos, a partir de suas observações e correções.

MÓDULO 10 - Nova refacção

Professor(a), recolha as crônicas e faça a leitura, sugerindo complementações, cortes de trechos inadequados ou incoerentes.

Importante: os textos que não atenderem à proposta do gênero deverão ser refeitos de acordo com as suas orientações. Professor(a), após a refacção, faça novamente a leitura dos textos para nova correção.

MÓDULO 11 - Organização da coletânea de crônicas

Professor(a), após a nova refacção dos textos, os alunos poderão se dirigir ao laboratório de informática para digitarem os textos e organizarem a coletânea. Assim que terminarem, divida a turma em grupos de 5 alunos e distribua as seguintes tarefas:

Grupo 1: dedicatória.

Grupo 2: apresentação.

Grupo 3: índice.

Grupo 4: título da coletânea.

Grupo 5: conclusão.

MÓDULO 12 - Conclusão do livro de crônicas

Professor(a), sob sua orientação, os alunos farão a:

- Digitação dos textos complementares produzidos pelos grupos para a conclusão da coletânea de crônicas.
- Impressão e encadernação do livro de crônicas.
- Gravação das leituras das crônicas lidas pelos autores–alunos (as) em CD e DVD para apreciação de outras turmas da escola
- Divulgação da obra na reunião de pais.

AVALIAÇÃO

Professor(a), a avaliação poderá ser feita individualmente, durante todo o período de desenvolvimento da sequência didática. Para isso:

- 1) Analise se as produções possuem as marcas (caraterísticas) do gênero crônica e se as narrativas mantiveram o tema proposto; se possuem coerência e coesão e se os títulos foram coerentes e atrativos para o leitor.
- 2) Constata o progresso, por meio da leitura minuciosa de cada crônica dos alunos do 9º ano, que foram digitadas no laboratório de informática.
- 3) Observe e analise a participação dos alunos: durante a exposição oral sobre o levantamento de definições da crônica na sala de aula; o comportamento dos estudantes na rua, observando o lugar em que vivem; no laboratório de informática; nos diversos espaços de interação com o conhecimento e como os outros colegas de sala;
- 4) Compare as práticas de interpretação dos alunos nos diferentes ambientes da aprendizagem.

Referências

12 HOMENS e uma sentença. Sidney Lumet, 1997. 1 filme (79min17), son., p&b. 12 *Angry Men*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=U8c-KLZlmc4>. Acesso em: 24 jun. 2014.

2014 está chegando... porém? Criação de Sponholz. Postado por Pádua Campos em 27 nov. 2013. 1 charge color. Disponível em: <http://paduacampos.com.br/2012/2013/11/27/charge-2014-esta-chegando-porem/>. Acesso em: 28 abr. 2014.

ABREU, C. *Meus oito anos*. 14 jun. 2006. Disponível em: <http://poemas-domundo.wordpress.com/2006/06/14/meus-oito-anos>. Acesso em: 17 jun. de 2014.

ALTENFENDER, A. H.; CLARA, R. A. *O gênero memórias* literárias: memórias e escola. 2012. Disponível em: www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1339/o-genero-memorias-literarias. Acesso em: 23 jun. 2014.

ALVES, M. Incêndio destrói barracos em favela na zona oeste de SP. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 jun. 2014. Cotidiano. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/06/1474738-incendio-destro-i-barracos-em-favela-na-zona-oeste-de-sp.shtml>. Acesso em: 12 maio 2015.

AQUI jaz a primeira rede social febre. Disponível em: <http://www.tomazpompeu.com/noticia/aqui-jaz-a-primeira-rede-social-febre.html>. Acesso em: 10 fev. 2014.

ARTIGO de opinião. In: QUECONCEITO. 2005-2015. Disponível em: <http://queconceito.com.br/artigo-de-opinioao#ixzz35a9Px1Pw>. Acesso em: 2 jun. 2014.

ARTIGO de opinião: conceito e esquematização. 15 maio 2013. Texto publicado no blog Técnicas de Redação. Disponível em <http://tecnicasredacao.blogspot.com.br/2013/05/artigo-de-opinioaoconceito-e.html>. Acesso em: 2 jun. 2014.

AUTORES S/A: Concursos Literários. *Os 20 minicontos classificados*. Postado por Lohan Lage Pignone em 10 maio 2013. Disponível em: <http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>. Acesso em: 14 mar. 2014.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARADELLI, J. É melhor do que o primeiro. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2002. Juliana Baradelli, 13 anos, 8º ano.

- A BARATA: Galinha Pintadinha. Postado por MusicKids em 3 ago. 2013. 1 vídeo (3min19), son., color. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=8es_lNlNuvY. Acesso em: 30 jun. 2015.
- BARBOSA, B. Impunidade estatutária. *Gazeta do Povo*, Londrina, 11 jun. 2013. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/conteudo.phtml?id=1380683>. Acesso em: 2 jun. 2014.
- BETTIO, M. A. de. *Paródia*. Disponível em: <http://www.infoescola.com/generos-literarios/parodia/>. Acesso em: 22 jun. 2015.
- BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, v. 7, n. 13, p.1-12, 2009. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf. Acesso em: 2 jun. 2014.
- BOFFA, G. Para comemorar o fim das aulas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov. 2002. Giovana Boffa, 12 anos, 7º ano.
- BRAIT, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.
- BRANDÃO, I. de L. *Quem conta um conto*. São Paulo: Atual, 1989.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental. Brasília, DF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília, DF, 1998.
- BRIDGE CLUBE DO RIO DE JANEIRO. *Aprenda Bridge*: regras básicas. 2014. Disponível em: http://www.bridge.org.br/web/?page_id=67. Acesso em: 17 jun. 2014.
- CADERNO de apoio ao educador: artigo de opinião (inclui sequência didática). Elaboração, texto e edição de D. Raviolo. Fortaleza: Comunicação e Cultura, 2010. Disponível em: <http://comcultura.org.br/wp-content/uploads/2010/04/caderno-de-apoio-ao-educador-artigo-de-opinioao.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- CARREIRINHO; CARREIRO, T. *Pagode*. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho. Disponível em: <http://letras.mus.br/tiao-carreiro-e-pardinho/884274/>. Acesso em: 22 jun. 2015.
- CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Todos os textos*: 6ª série. 2. ed. São Paulo: Atual, 2003.
- COELHO, E. et al. *Pra sempre minha vida*. Intérprete: Grupo Tradição. Disponível em: <http://letras.mus.br/grupo-tradicao/125689>. Acesso em: 30 jun. 2015.

CHÃO varrido. Produção: Ministério da Educação. Texto: Eduarda Moura Pinheiro (finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa). 2012. 1 vídeo (1min2), son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=heRI4yrT2kE>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

CHARGES diversas de futebol. Criação de Mário Alberto. Postado por Eduardo Oliveira em 10 fev. 2012. Disponível em: <<http://wallpapersfootballteams.blogspot.com.br/2012/02/charges-diversas-de-futebol.html>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CHARGES natalinas (3). Criação de Mário Alberto. Postado por Ricky em 31 dez. 2011. 1 charge color. Disponível em: <http://blog0news.blogspot.com.br/2011_12_25_archive.html>. Acesso em: 28 abr. 2014.

COPA 2014. Criação de Mário Alberto. Postado por Mauro Brondani em 12 dez. 2012. 1 charge color. Disponível em: <<https://www.mundovirtualblog.blogspot.com.br/2012/12/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

COPA do mundo e eleições 2014: Charge. Criação de Cláudio. Postado por Gilvan Calvanti de Melo em 18 mar. 2011. 1 charge color. Disponível em: <<http://gilvanmelo.blogspot.com.br/2011/03/copa-do-mundo-e-eleicoes-2014-charge.html>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CIVIDINI, L. Gêneros em estudo: crítica de cinema e resenha como prática escolar. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DOS GÊNEROS TEXTUAIS, 6., 2011, Natal. *Anais...* Natal: CCHLA, UFRN, 2011. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Lourdes%20Cividini%20Cassarotti%20\(UNISUL\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Lourdes%20Cividini%20Cassarotti%20(UNISUL).pdf)>. Acesso em: 22 nov. 2015.

A CONFUSÃO. Piadas do Kick. 12 abr. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=508958052541578&id=508947699209280>. Acesso em: 21 maio 2014.

COTIDIANO: a copa do povo. Criação de Maurício Ricardo. 1 charge (1min2), son., color. Disponível em: <<http://charges.uol.com.br/2014/06/10/cotidiano-a-copa-do-povo-4/>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

CLUB TV. *Arquivo da tag: sinopse do filme A nova onda do imperador*. 20 mar. 2013. Disponível em: <<https://clubdatelevisao.wordpress.com/tag/sinopse-do-filme-a-nova-onda-do-imperador/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

CRUZ, F. B. Viagem nostálgica aos anos 1980. *Estadão*, São Paulo, 9 ago. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/blogs/jt-variedades/viagem-nostalgica-aos-anos-1980/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

DELMANTO, D.; CARVALHO, L. B. *Jornadas.port*: Língua Portuguesa: 7º ano. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de R. Rojo e G. S. Cordeiro. São Paulo: Mercado das Letras, 2004. p.41-70, 95-128.

DRAW my life: Eduardo e Mônica: versão 2013. Produção de Gui Toledo. 22 abr. 2013. 1 vídeo (4min23), son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gCVuTDDFjCo>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

EDUARDO e Mônica. Produção da Vivo. Postado no site Letras. 1 vídeo (4min8), son., color. Disponível em: <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/22497/>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

EDUCAÇÃO a distância, mitos e verdades. *Nova Escola*, São Paulo, ano 24, n. 12, nov. 2000.

ENCONTRO com Fátima Bernardes debate a redução da maioria penal. Postado por Mad Lucas em 13 set. 2014. 1 vídeo (50min24), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4-UvPQ65BQ>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

ESCOTEIROS do balaio: roteiro alta arte Beto. Criação de Beto. Postado por Balaio Quadrado em 17 maio 2014. 1 charge color. Disponível em: <<https://balaioquadrado.blog.wordpress.com/2014/05/17/escoteiros-no-balaio-aqui-jaz-o-ca/>>. Acesso em: 11 nov.2015.

FERREIRA, M. *Resenha [Filme]: Meu Malvado Favorito*. 12 ago. 2013. Disponível em: <<http://livrosleituraseafins.blogspot.com.br/2013/08/resenha-meu-malvado-favorito.html>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

FÉRIAS 2014 com aventura. Criação de Alpino. Postado por Nonato Albuquerque em 13 jan. 2013. 1 charge color. Disponível em: <<http://gente-demidia.blogspot.com.br/2014/01/charges-ferias-com-aventuras-nos.html>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

FIORINO: a resposta. Letra e produção de Pollyana Melo e Roberta Melo. 18 jun. 2012. 1 vídeo (1min31), son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=YqRFhfKbinc>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GAGLIARD, E.; AMARAL, H. *Pontos de vista*. São Paulo: Cenpec, 2004. Iniciativa Fundação Itaú Social.

GANCHÓ, C. V. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Princípios).

GATTAL, Z. *Città di Roma*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

GAVA, Gabriel. *Fiorino*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gabriel-gava/fiorino.html>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GERALDI, J. W.; ALMEIDA, M. J. de. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GERALDI, J. W.; ALMEIDA, M. J. de. *Portos de passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2003. (Série Princípios).

GREENPEACE. *Aqui jaz a Amazônia*. 1 imagem color. Disponível em: <<http://humbertoaraujo.zip.net/images/AquiJazFinalizado.jpg>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

GUIMARÃES, S. S. S. *Variações linguísticas e contexto sociogeográfico*. 19 ago. 2013. Portal do Professor. Espaço da Aula. Visualizar Aula. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=51356>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

HOÇA, P. Malévola (Resenha). 2 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.cantodosclassicos.com/malevola-resenha/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

HORTA, M. R. F. *Português: uma língua brasileira*. 6º ano. São Paulo: Leya, 2012.

INTERTEXTUALIDADE na música “Monte Castelo” (Legião Urbana). Postado por Intertextualizando Vozes em 10 abr. 2013. Disponível em: <<http://intertextualizandovozes.blogspot.com.br/2013/04/intertextualidade-na-musica.html>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

JACARÉ foi à cidade: Música Patati e Patatá. Postado por Elio Eugenio Müller em 18 ago. 2009. 1 vídeo (2min), son., color. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f30meEAG1Qg>. Acesso em: 30 jun. 2015.

KLEIMAN, A. B. É preciso “ensinar” letramento: não basta ensinar ler e escrever? Disponível em: <<https://www.slideshare.net/Pibidletrasufal/preciso-ensinar-letramento-ngela-kleiman>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

KRESS, G; VAN LEEWEN. T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

LEONARDO Brasiiliense. Disponível em: <<http://www.leonardobrasilense.com.br/?apid=0&tipo=2>>. Acesso em: 12 maio 2015.

LOPES-ROSSI, M. A. G. (Org.). *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos*. Taubaté: Cabral, 2002.

MACHADO, A. R. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p.237-259.

MARCELO Spalding: escritor, jornalista, professor. Disponível em: <<http://www.marcelospalding.com/minicontos/?pg=2577>>. Acesso em: 12 maio 2015.

MÁRIO Lago: Meus oito anos de Casemiro de Abreu. Postado por Rubens Souza em 12 abr. 2011. 1 vídeo (3min5), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AtWVrWE4xZE>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

MASASHI, K. (Ed.). *Naruto: uma batalha de amor e poder*. 1999. (Naruto e Sasuke 3, 696). Disponível em: <<http://centraldemangas.net.br/titulos/naruto/manga/ler-online-completo/696>>. Acesso em: 17 maio 2014.

MINICONTOS coloridos. Edição e concepção de Marcelo Spalding. jan. 2013. Projeto experimental de literatura digital. Disponível em: <<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/miniconto.html>>. Acesso em: 16 jun. 2014.

MINICONTOS cotidianos. Disponível em: <<http://minicontos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 maio 2015.

MINICONTOS.COM.BR. Editado por Ana Mello e Marcelo Salding. Disponível em: <<http://www.minicontos.com.br/minicontos>>. Acesso em: 12 maio 2015.

MOLINÉ, A. *O grande livro dos mangás*. São Paulo: JBC, 2004.

MORAES, V. *A arca de Noé*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

NÃO vai ter copa. Criação de Duke. *O Tempo*, Belo Horizonte, 23 abr. 2014. 1 charge color. Disponível em: <<http://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-23-04-1.827102>>. Acesso em 28 abr. 2014.

NARUTO, U. *Naruto*. Traduzido e editado por Kishimoto Masashi. 1999. (Jump Comics, 1). Disponível em: <<http://centraldemangas.net.br/titulos/naruto/manga/ler-online-completo/001>>. Acesso em: 10 maio 2015.

NOGUEIRA, A. Peladas. In: NOGUEIRA, A. et al. *O melhor da crônica brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. v. 1.

A NOVA onda do imperador. Produção de Randy Fullmer. Direção de Mark Dindal. EUA, 2000. 1 filme (78min), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yr48FRaoroQ>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

OLIVEIRA, L. G. de. *Lendo nas entrelinhas*. 17 out. 2009. Portal do Professor. Espacio de la classe. Visualizar classe. Disponível em: <http://portaldo professor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?pagina=espaco%2Fvisualizar_aula&aula=8131&secao=espaco&request_locale=es>. Acesso em: 13 jun. 2014.

ORTHO, S. *A peste que eu fui*. 16 maio 2007. Disponível em: <<http://desertoesdaescada.com/2007/05/16/a-pesto-que-eu-fui/>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

OTTONI, M. A. R. *Os gêneros do humor no ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem discursiva crítica*. 2007. 399 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2007.

PAES, J. P. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 2011.

PASSOS, R. Homem é suspeito de matar namorado da filha em Betim. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 jun. 2014. Gerais Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/06/23/interna_gerais,541643/homem-e-suspeito-de-matar-namorado-da-filha-em-betim.shtml>. Acesso em: 12 maio 2015.

PAULA, L. de. A redução da maioria penal é uma ilusão no enfrentamento da violência juvenil. *Gazeta do Povo*, Londrina, 12 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/conteudo.phtml?tl=1&id=1381097&tit=A-reducao-da-maioridade-penal-e-uma-ilusao-no-enfrentamento-da-violencia-juvenil>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

PAULINO, G. et al. *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

PIRES, A. *A barata*. Intérprete: Só pra Contrariar. Disponível em: <http://letras.mus.br/so-pra-contrariar/293637/>. Acesso em: 22 jun. 2015.

PORTAL DO PROFESSOR. Pesquisa aulas sobre o gênero relato e sobre o uso de verbos (diversos autores). Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/>>. Acesso em: 23 jun. 2014.

PORTUGAL empata com EUA e ainda tem chance na Copa. *Veja*, São Paulo, 22 jun. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/com-gol-aos-50-portugal-empata-com-eua-e-ainda-tem-chance-na-copa>>. Acesso em: 12 maio 2015.

RAMOS, H. C. Como escrever resenhas críticas. *Nova Escola*, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/resenha-critica-genero-textual-da-esfera-jornalistica-426218.shtml>>. Acesso em: 12 set. 2015.

ROCHA, F. Homem de 57 anos morre no colo da companheira ao levar facada no peito. *Patos Hoje*, Patos de Minas, 23 jun. 2014. Disponível em: <<https://patoshoje.com.br/noticia/homem-de-57-anos-morre-no-colo-da-companheira-ao-levar-facada-no-peito-21450.html>>. Acesso em: 12 maio 2015.

ROJO, R. Esferas ou campos de atividade humana. In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (Org.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: FAE, 2014. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/esferas-ou-campos-de-atividade-humana>>. Acesso em: 26 nov. 2014.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SABINO, F. A última crônica. Postado por Arnaldo Nogueira Jr. Projeto Releituras. Texto extraído do livro *A companheira de viagem*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1965. p.174. Disponível em: <http://www.releituras.com/i_samuel_fsabino.asp>. Acesso em: 14 abr. 2014.

SALGADO, L. *Percy Jackson e o mar de monstros*. 2014. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-191035/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

SANTOS, C.; RIVANIL. *Papo de jacaré*. Intérprete: P. O. Box. Disponível em: <<http://letras.mus.br/po-box/47892/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

SANTOS, M.; PARAÍSO. *Franguinho na panela*. Intérpretes: Lourenço e Lourival. Disponível em: <<http://letras.mus.br/lourenco-e-lourival/127299/>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SHOW das poderosas (clipe oficial): Anitta. Produção de Warner Music Brasil. 19 abr. 2013. 1 vídeo (2min54), son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=FGViL3CYRwg>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SILVA, José Maria e. Uma lei contra a vida. *Gazeta do Povo*, Londrina, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/conteudo.phtml?id=1381323>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

SILVEIRA, C. M. da. *A argumentação e a escrita: trabalhando o artigo de opinião*. 2008. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_christiane_maia_silveira.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SPALDING, M. *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira contemporânea*. 2008. 81f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.marcelospalding.com/arquivos/dissertacao.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2015.

SPOILER. In: SIGNIFICADOS. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/spoiler/>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

SPOILER. In: WIKIPEDIA. 2015. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Spoiler_\(m%C3%ADdia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Spoiler_(m%C3%ADdia))>. Acesso em: 22 jun. 2014.

STHEPHANIDES, M. *Os deuses do Olimpo*. São Paulo: Odysseus, 2004.

TAHAN, Malba. O nariz do rei Mahendra. In: MALA de romances: cordel, xilogravura, memórias, literatura, ilustração. Postado por Ari Evaldo Viana Lima em 5 fev. 2017. Disponível: <<http://companhiarendadehistorias.arteblog.com.br/343414/O-nariz-do-rei-Mahendra/>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

TOONDOO. Pleasantton: Jambay, CA, 2012. Disponível em: <<http://www.toondoo.com/>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

UBER, T. de J. B. *Sequência didática*: artigo de opinião. Santa Isabel do Ivaí, 2007/2008. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/md_terezinha_jesus_bauer_uber.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2014.

VIVENDO a vida com humor. Criação de Gerson Kauer. Postado por eme2907 em 17 jul. 2010. 1 charge color. Disponível em: <<http://vivendoavidacomhumor.blogspot.com.br/2010/07/charges-sobre-cienciasmedicina-e-de.html>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

ZÉLIA Gattai fala como começou a escrever. 9 fev. 2011. 1 vídeo (7min33), son., color. Acervo da Fundação Casa de Jorge Amado. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kX9hskUwodI>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

ZIPPIN FILHO, D. Redução da maioria penal, grande falácia. *Gazeta do Povo*, Londrina, 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/opinioao/artigos/reducao-da-maioridade-penal-grande-falacia-ems1jrgy501486ya77d8wzb66>>. Acesso em: 2 jun. 2014.

Sobre o livro

Formato	15cm x 21cm
Tipologia	Cambria ElegaGarmnd BT Zurich Cn BT
Papel	Sulfite 75 g

Estão reunidos nesta publicação os trabalhos de diferentes autores que se debruçaram sobre as características textuais-discursivas de diferentes gêneros que devem ser trabalhados na sala de aula: resenha crítica, memórias literárias, charge, epitáfio, paródia, artigo de opinião, mangá, conto, miniconto e crônica. O objetivo é oferecer ao professor ideias para se trabalhar com diferentes gêneros na sala de aula.

Entendemos que as diretrizes dos PCNLP levantaram uma grande discussão a respeito do trabalho com os gêneros, mas ainda faltam materiais didáticos e paradidáticos que possam ajudar o professor. Na tentativa de contribuir para o preenchimento dessa lacuna, apresentamos, nesta publicação, dez Sequências Didáticas (SD) voltadas para o Ensino Fundamental II e Médio.

Acreditamos que esta publicação poderá contribuir significativamente para o desenvolvimento das competências de leitura e escrita dos alunos de forma interativa e dialógica, podendo, também, contribuir sobremaneira para o êxito dos alunos, não apenas nas atividades escolares, mas também em suas ações e interações sociais dentro e fora da escola.